



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO

JULIANE BEZERRA VIEIRA

**O CAMINHO DO SERTÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR E
PROMOÇÃO DO DIREITO HUMANO À LITERATURA**

JOÃO PESSOA / PB

JUNHO / 2018

JULIANE BEZERRA VIEIRA

**O CAMINHO DO SERTÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR E
PROMOÇÃO DO DIREITO HUMANO A LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Magno Tavares

JOÃO PESSOA / PB

JUNHO / 2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V658c Vieira, Juliane Bezerra.

O CAMINHO DO SERTÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO
POPULAR E PROMOÇÃO DO DIREITO HUMANO A LITERATURA /
Juliane Bezerra Vieira. - João Pessoa, 2018.

53 f.

Orientação: ALEXANDRE MAGNO TAVARES DA SILVA.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. CAMINHAR. 2. EDUCAÇÃO POPULAR. 3. LITERATURA. 4.
DIREITO HUMANO. 5. SERTÃO. I. DA SILVA, ALEXANDRE MAGNO
TAVARES. II. Título.

UFPB/BC


JULIANE BEZERRA VIEIRA

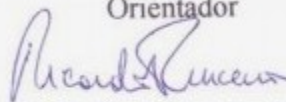
**O CAMINHO DO SERTÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR E
PROMOÇÃO DO DIREITO HUMANO A LITERATURA**

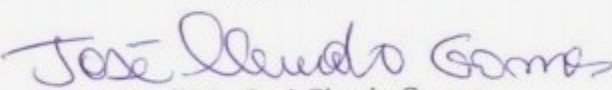
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Pedagogia da Universidade Federal
da Paraíba como requisito para a
obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

JOÃO PESSOA, 20 de junho de 2018

Banca examinadora


Professor Dr. Alexandre Magno Tavares da Silva

Orientador

Prof. Dr. Ricardo Figueiredo Lucena

Examinador

Prof. Ms. José Cleudo Gomes

Examinador

Dedico a

Sebastiana Bezerra (In Memoriam)

*Mulher a frente de seu tempo, de 1919. Analfabeta,
iletrada, agricultora, trabalhadora, ledora do
breu, do amor pouco leu e viveu, direitos negados,
por vezes silenciada.*

Tia Basta, Tia vó, Vó sem ser vó, mãe sem ser mãe.

*Bastiana, Bastinha, madrinha, minha eterna
madrinha que me amou de maneira incondicional
como sobrinha, sobrinha-neta, neta, afilhada,
filha.*

GRATIDÃO

A divindade suprema, a mãe terra, que no sertão falou mais alto comigo, ou talvez lá fosse mais fácil de ouvi-los e vê-los.

Aos meus pais, os honro e agradeço, pela dádiva de serem instrumentos de minha vinda a este plano espiritual, por não desistirem de mim, mesmo quando não puderam estar em minha vida e quando puderam assim o fizeram. Amando-me e buscando serem os melhores dentro de suas possibilidades.

Aos meus tios Arlene Máximo e Luiz Gonzaga pela insistência na educação, pela alegria em poder me amar e constituir com eles uma família.

A minha tia Anabel Máximo e irmão Júlio Vieira que me presentearam com a ida ao Caminho do Sertão, lugar cenário da pesquisa deste trabalho.

A amiga Livia Portela, companheira da Educação Popular que me trouxe o convite a caminhada.

A minha professora Rita de Cássia Cavalcanti Porto, que me despertou o gosto pelo conhecimento, que acreditou em meu potencial acadêmico e me incentivava para que eu mesmo acredite neste.

Ao meu orientador Alexandre Magno Tavares pela dimensão de sua paciência e sensibilidade de me ter como orientanda, aos 45 do segundo tempo literalmente.

Aos professores Ricardo Lucena e Cleudo Gomes pela disponibilidade de também fazerem parte deste jogo, nos últimos minutos da prorrogação.

Aos meus filhos, aqueles que na tolerância de minhas ausências, na compressão dos meus barulhos e silêncios, na responsabilidade assumida que não lhes pertenciam, na paciência do meu caos, demonstraram todo o amor, zelo e carinho por mim, estes também não desistiram de mim.

Não sabemos onde o caminho nos levará, muito menos o caminho que podemos traçar a partir dele. É uma experiência de entrega. Não podemos afirmar o final do caminho, mas, o que nos interessa não é o resultado final, senão, as experiências que acontecem ao caminhar. “Porque uma vez que se sabe, deve-se abrir espaço ao que ainda não se sabe e que virá amanhã” ([Frédéric Gros](#))

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.(Paulo Freire)

“Digo que fui, digo que gostei. À passeata forte, pronta comida, bons repousos, companheiragem. O teor da gente se distraía bem”.

(João Guimarães Rosa)

RESUMO

O presente trabalho relata a experiência de caminhar, de andar a pé, numa travessia que foi realizada pelo alto sertão mineiro, em participação na 3ª edição do projeto “O Caminho do Sertão – De Sagarana ao Grande Sertão Veredas”. Percorrendo cerca de 180 km durante sete dias, saindo do distrito de Sagarana, no município de Arinos – Minas Gerais, e chegando à cidade de Chapada Gaúcha, no mesmo estado, perfazendo parte do caminho realizado por Riobaldo em suas narrativas, personagem da obra Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa, oportunizando-me refletir a identidade do pedagogo fora dos muros acadêmicos e, sobretudo, numa experiência de caminhada que articulou reflexão e aprendizagem mediado pela literatura, pelas narrativas, formações discursivas e ideológicas, enfim, por uma linguagem em sua tessitura complexa existente na rota sócio-eco-literária. Partindo deste contexto, o objeto central deste trabalho é relatar minha imersão nessa vivência, bem como realizar uma reflexão crítica sobre o processo de educação popular e o direito à literatura inserido e experienciado nesse projeto. Fizemos uso do método descritivo bibliográfico e, para aporte teórico, lançamos mão de Labucci e Gros, que contribuem com suas reflexões filosóficas sobre o ato de caminhar, Brandão, Freire, Melo Neto e outros teóricos que discorrem sobre Educação Popular e outros temas que alimentam esta discussão, e ainda Candido e Llosa que agregam com contribuições acerca do direito humano à literatura. Descrever o meu percurso até chegar a este trabalho, proporcionou-me a compreensão do Caminho do Sertão como uma experiência pedagógica que promove a educação popular e o direito à literatura no alto do sertão mineiro, suscitando diálogos e reflexões de cunho emancipador para todo público envolvido no projeto.

PALAVRAS CHAVE: Caminhar; Educação Popular; Literatura; Direito Humano; Sertão.

ABSTRACT

The present work reports the experience of walking, in a crossing that was carried out by the high backwoods of Minas Gerais, in participation in the third edition of the project "O Caminho do Sertão - De Sagarana ao grande Sertão Veredas". Traveling about 180 km for seven days, leaving the district of Sagarana, in the municipality of Arinos - Minas Gerais, and arriving at the city of Chapada Gaúcha, in the same state, making part of the way realized by Riobaldo in his narratives – character of the book *Sertão Veredas* by Guimarães Rosa, opportunizing to reflect the identity of the pedagogue outside the academic walls and, above all, an experience of walking that articulated reflection and learning mediated by literature, narratives, discursive and ideological formations, in the end, in its complex structure existing in the socio-eco-literary route. Starting from this context, the central object of this work is to report my immersion in this experience, as well as to accomplish a critical reflection on the process of popular education and the right to literature inserted and experienced in this project. We used the bibliographic descriptive method and, for theoretical support, we used Labucci and Gros, who contribute their philosophical reflections on the act of walking, Brandão, Freire, Melo Neto and other theorists who talks about Popular Education and other themes that add this discussion, and even more Candido and Llosa that add with contributions about the human right to literature. Describing my pathway to this work provided me with the understanding of the *Caminhos do Sertão* as a pedagogical experience that promotes popular education and the right to literature in the highlands of the Sertão of Minas Gerais, creating dialogues and emancipatory reflections for all the public involved in the project.

KEY WORDS: Walk, Popular Education, Literature, Human Right, Backwoods.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I.....	13
CAPÍTULO II.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

Parar, às vezes, é dar continuidade, só que por outro caminho. Quando chega o momento da conclusão de um curso, a mente busca ansiosa pelo tema de pesquisa. No meu caso, minha mente atribulada, não deu conta de definir tema de pesquisa (já em fase de conclusão do curso), assim como a conclusão foi adiada por alguns períodos seguintes. Foram tantos temas pensados e até iniciados e, por fim, nenhum decidido antecipadamente. Diante de coisas várias, acontecimentos surpresas no percurso e uma vida acadêmica brecada forçosamente por uma série de razões pessoais, onde antes vinha promissora, cheia de bons resultados, contando com envolvimento em pesquisas Freireanas, engajamento em movimentos sociais e projetos de iniciação científica. Esse tempo pausado, a princípio, enxerguei com olhos de declínio de vida acadêmica, me trazendo assim o desespero da perda do norte, da direção e com isso o desestímulo. Procrastinei o temido trabalho de conclusão de curso. Na verdade, eu não o temia, eu apenas não conseguia levar adiante a vida acadêmica em parceria com a vida pessoal. Escolher e definir prioridades foi necessário naquele momento de minha vida, porém, na volta eu não me sentia mais parte do meio acadêmico e meu olhar já era outro, assim como minhas prioridades como profissional. Contudo, se faz necessário fechar o ciclo, passando, portanto, por este processo avaliativo cobrado pela instituição.

Questionava-me sobre minha identidade profissional como pedagoga e, por vezes, frustrava-me pelas diversas perguntas sem respostas, assim como da dificuldade de chegar a conclusão da graduação mediante uma realidade de vida pessoal e responsabilidades como mãe solo, líder da casa, da família, trabalhar fora para assegurar a sobrevivência, segurar os apelos silenciosos ou gritantes de meus filhos por presença e cuidado, enfim, todo este misto de situações que, por diversas vezes, fizeram-me parar o percurso acadêmico e profissional para priorizar outros caminhos. Diante deste contexto, ali surgiu também um bloqueio de não me sentir mais capaz de escrever à altura da academia ou dos demais colegas do período de graduação, que seguiram adiante seu percurso tendo avançado para a pós-graduação.

Envolta a esse contexto, compartilhando todas essas questões com uma professora do curso de pedagogia, ela me sugeriu levar em consideração minha trajetória pessoal para definição de um tema. Vários poderiam ser trabalhados, levando em consideração todo o meu contexto, que poderiam ser levantadas a partir de minha realidade de vida pessoal e acadêmica vivenciada e interrompida, mas questionei-me: qual recorte da minha prática como educadora ou de vivência como estudante de graduação e ainda pessoal neste percurso, que traria motivação para pesquisa e certa relevância acadêmica? Decidi, a partir dessa indagação, fazer este trabalho acadêmico acerca

de uma vivência realizada por mim que, sem dúvidas, contribuiu de forma relevante para minha formação e agregou outros sentidos ao meu fazer pedagógico. O presente trabalho, enfim, relata a experiência de caminhar com sentido, e sobre este caminhar nos esclarece Gutiérrez:

Caminhar com sentido significa, antes de tudo, dar sentido ao que fazemos, compartilhar sentidos, impregnar de sentidos as práticas da vida cotidiana e compreender o sem-sentido (non-sense) de muitas outras práticas que abertas ou sorrateiramente tentam se impor. (GUTIÉRREZ, 2013, p.67).

Foi sob esta perspectiva descrita, de atribuir sentido a experiência de caminhar exercitando a criticidade a reflexão sobre estes sentidos, caminhando em atitude de aprendizagem, nessa atitude de busca, de abertura e do interrogar a realidade de cada dia desta experiência que se estabeleceu um riquíssimo processo educativo.

Sendo assim, sem intenção de obter respostas conclusivas e mais com propósito de contribuir com a reflexão e reproblematicar temas abordados a partir do objeto central deste trabalho que o mesmo, relata a experiência de caminhar, de andar a pé, numa travessia que foi realizada em julho de 2016, pelo sertão mineiro, em participação na 3ª edição do projeto “O Caminho do Sertão – De Sagarana ao Grande Sertão Veredas”. Foram cerca de 180 km percorridos em sete dias, saindo do distrito de Sagarana, no município de Arinos-MG, e chegando à cidade de Chapada Gaúcha, do mesmo estado, perfazendo parte do caminho realizado por Riobaldo, personagem narrador da obra de Guimarães Rosa. Essa experiência apresentou um misto de elementos e significados a partir da literatura de Guimarães Rosa, mais especificamente da obra Grande Sertão Veredas que é pano de fundo do caminho do sertão, com os saberes e fazeres do povo do sertão do norte e noroeste de Minas Gerais.

Partindo deste contexto, o objeto central deste trabalho é relatar minha experiência de imersão nessa vivência de rota sócio-eco-literária, bem como realizar uma reflexão crítica sobre o processo de educação popular e o direito à literatura, abordagens que foram pertinentes e vivas neste projeto.

Para realização deste trabalho, contribuíram como suporte teórico, a princípio, Guimarães Rosa (1996), através do livro *Grande Sertão: Veredas* que inspira a jornada literária “De Sagarana ao grande sertão: Veredas”, que percorre parte do caminho realizado por Riobaldo e seu bando, personagem que vai rumo ao liso do susuarrão, suposto deserto do grande sertão veredas. Francisco Gutiérrez, educador e pesquisador costa-riquenho, estudioso da obra de Paulo Freire, alimenta este trabalho com o diálogo da Ecopedagogia que trata da aprendizagem de uma educação com sentido na vida cotidiana para promover sociedades sustentáveis, temática que

esteve presente a todo momento no caminho percorrido. Paulo Freire com sua literatura que contribui, neste trabalho, fomentando a discussão da questão política da educação e de se construir uma educação a partir do conhecimento do povo e com o povo, uma das concepções da Educação Popular. Dele, recorreremos aos livros *Conscientização Teoria e Prática da Libertação*, *Educação como prática da liberdade* (1980), *Pedagogia da Autonomia* (1996), onde tais leituras nos mostra que qualquer espaço de educação é um lugar de troca de saberes sendo estes empíricos e/ou populares realizando transformações viáveis, saberes estes, que permeiam diversas categorias da literatura freiriana, de cunho libertador e emancipatório. Libâneo (2001), com suas considerações sobre a prática pedagógica; Adriano Labbucci (2013) apresentando um ensaio filosófico em ‘Caminhar, uma revolução’, onde defende que o caminhar é uma forma de resistir à pressa e ao imediatismo da sociedade atual mostrando que a alternativa do caminhar pode proporcionar novas sensações e manter o pensamento ativo, sempre em movimento, provocando reflexões, assim como o teórico Frederic Gros (2010), filósofo, com a obra ‘Caminhar: uma filosofia’, que também valoriza o ato de caminhar como metodologia de reflexão e aprendizagem. Contribui também Antônio Candido (2004) com ‘O Direito à Literatura’, trazendo a reflexão entre direitos humanos e literatura. Por fim, o escritor peruano Mario Vargas Llosa (1985) que contribui com o texto “A Literatura e a Vida”, extraído do livro *Verdades e Mentira*, onde aponta a conexão entre a literatura e a vida, entre outros que contribuem e dialogam com a temática proposta.

Este trabalho se divide em dois capítulos, sendo no primeiro a exposição dos dias da vivência eco literária com o relato dia a dia e suas conexões com a educação, com a literatura de Guimarães Rosa presente na experiência e ainda com ato de caminhar e seus sentidos percebidos durante o processo que contribuíram para minhas reflexões. O segundo capítulo apresenta a caminhada como mediação pedagógica e articulação do exercício da educação popular oportunizado aos caminhantes, assim como ao povo da região. Traz também as intercessões entre o contexto da imersão no caminho e as reflexões acerca das categorias freirianas que animam o processo da educação ali experienciada, bem como, reflexões sobre o direito à literatura, direito este, que foi vivido e oportunizado aos caminhantes, mas, sobretudo, ao povo do lugar, sobre como a literatura pode estar ligada à vida, transformando lugares e pessoas.

CAPITULO I

“Tudo que muda a vida vem quieto no escuro, sem preparos de avisar”.

Guimarães Rosa (1996)

Foi uma companheira dos saberes que me avisou de lá, do sertão de Riobaldo, das águas do Urucua, das veredas, que alívio eu poderia até encontrar para as angústias que com ela fui partilhar dos caminhos perdidos, da arte de ensinar que todo dia se transformava e assuntava dentro em mim. Quais caminhos trilhar? Queria eu saber qual deles tomava força maior pra ser feliz nesse negócio de educar. A vida ali, naquele instante, tava tudo a bagunçar, era um emaranhado de pensamentos... E era tanta agonia, um sem norte desmedido de perda que nem a geografia e seu instrumento de orientar fazia eu me encontrar.

Eu estava atravessando o ser-tão de mim e era grande, era vasto, “o sertão está em toda parte, é do tamanho do mundo”, “o sertão é dentro da gente”.¹ E a menina amiga, companheira, sem preparos de avisar, não mencionou no conversar que, ao invés de respostas encontrar, eu poderia mesmo perceber nesse caminhar, que “Vivendo se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas”. E assim mesmo foi, perguntas maiores surgiram, inquietações, reflexões do pensar, do agir e fazer da vida, do ser professora. Por quê? Para quê? Para quem? Lembrei do que dizia Freire, “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino (FREIRE, 1996, p. 85)”. Me inseri na busca com estas inquietações e desassossegos do pensar, os anseios do mais procurar, do mais saber, era o bichinho da curiosidade me causando “um medo dos profundos” das perguntas que resposta eu não conseguia aqui encontrar. Perguntava cá aqui dentro de mim: - E agora que tô no fim do caminho do estudar, o que aprendi? O que vou fazer com o que dentro, aqui está? Pra quem vou passar as histórias? As estórias dos livros? Do mundo? Como fazer essa tal educação como prática da liberdade?

É que eu já vinha tentando, sabe?! E nos moldes que eu vinha sendo, me tornando professora, parecia meio sonho, parecia utopia o meu jeito de ensinar.

Eu não busquei o caminho do sertão, ele chegou-me como presente e a vontade acendeu de se ajuntar ao bando. A vontade era de uma inteireza tão forte, que até o avião que perdi para nas terras de lá chegar, foi dado nova hora, novo tempo, para que eu não deixasse de caminhar. O que vem, o vir a ser “tem muita força, tem uma força enorme”.

¹Os trechos destacados entre aspas desse capítulo 1 são citações de Rosa (1996) complementando o pensamento da autora. A opção de não referenciar diretamente no texto se deu por que quebraria a estética poética da narrativa.

Seria um peregrinar. Dinheiro nenhum não tinha. Uns de cá e uns de lá, firmaram em ajudar. A dormida seria fria; Alguém avisou com certo preocupar, que meias não esquecesse de nas mochilas levar. Os pés eram instrumento de valia, preciosidade a se cuidar, para cumprir as léguas que eles iriam pisar. O descanso, a dormida nos terreiros e nas portas sem tramelas eu iria assentar. O alimento dos dias teria gosto do plantar, colher e preparar das mãos do povo sertanejo, gerazeiro. Só depois de atravessada por eles, percebi que houve mais que troca de olhar: foram capazes de a alma também alimentar, no servir, no cuidar.

“O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena”. Eu vi o aceno, respondi o chamado. Quando o caminho chegou até mim, eu apenas o acolhi e pedi para ser acolhida, por que eu queria demais era o silêncio de lá. “O senhor sabe o que silêncio é? É a gente mesmo, demais”. E eu ansiava por ele, pelo silêncio, pelo sertão que eu nada conhecia, “de nada sabia, mas desconfiava de muita coisa.”

Do João? Do Guimarães? O Rosa? Também pouco sabia, suas linhas, 600 páginas de um sertão de veredas, de um amor e seus conflitos, de uma jagunçada e sua luta, da existência ou não do diabo que Riobaldo não conseguiu encontrar, ou será que conseguiu? Eu só sabia mesmo de certeza, do triste fim de Diadorim, dessa parte doída desse amor, esse eu já tinha lido e relido com pesar. Mas, pensava eu assim, estando com tudo que nem um redemoinho, aquele do diabo, do meio da rua, do livro do João, ventando e bagunçando tudo no ser-tão de mim. “Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”. Sendo assim, é lá então que eu quero estar, pra formar pensamento assim, forte e resposta encontrar.

A ida

Tudo tem um começo e um antes do começo. O meu antes do começo foi um voo de João Pessoa para Brasília em que não cheguei a tempo de embarcar. Eu estava com os pés no chão quando minhas asas emprestadas já estavam no ar. Perdi o voo, mas sentia como se tivesse perdido mesmo era o chão... o chão do sertão, o daqui não, o daqui eu pisava firme que nem criança batendo o pé de birra dizendo a mim mesma que eu não deixaria de voar para o sertão.

Voltei para meu ninho. No caminho de volta eu me questionava ou procurava mesmo era justificava para consolo de ter perdido o voo, dizendo baixinho: Será que não é mesmo tempo de avoar? Eu estava com os pés no chão, mas o coração já tinha ido pelas nuvens, já era noite adentro, madrugada, pensei que era o fim do ir ao sertão e do dia, mas me consolei com frase do Rosa (1983), “a noite não é o fim do dia: é o começo do dia que vem”, e o começo do dia que se chegou,

foi com a concretização daquilo que foi sentido, intuído, desejado, tramado e apostado, que surgiu numa confluência de fatores aleatórios (ou não). Depois das burocracias resolvidas, novo voo, novo horário, novo tempo, novas asas. Voltei a sacudir a energia que começou pela cabeça, foi me percorrendo corpo inteiro e formigava os pés que pareciam escutar chamado: era o sertão me chamando pra atravessar, atravessar o não saber que tomava conta da minha vida naqueles dias. Enfim voei, fiz passagem rápida por Brasília e de lá sedenta de chegar fui a destino de Sagarana, princípio de travessia.

03 de Julho

Acolhida

Sobre o pequeno distrito de Sagarana, Guimarães Rosa o descreveu via carta escrita ao personagem João Condé, relatando o porquê de tal lugar ser escolhido como cenário para seu livro de contos:

Porque o povo do interior — sem convenções, “poses” — dá melhores personagens de parábolas: lá se veem bem as reações humanas e a ação do destino: lá se vê bem um rio cair na cachoeira ou contornar a montanha, e as grandes árvores estalarem sob o raio, e cada talo do capim humano rebrotar com a chuva ou se estorricar com a seca. (ROSA, 1983, p. 8)

Foi exatamente assim que no primeiro olhar de flerte eu enxerguei Sagarana, gente sem poses, de tom calmo nas palavras, gente que logo se chega e percebemos no olhar, no sorriso, nas mãos um bocadinho do viver, do sentir. Lugarzinho pequeno, uma igreja, um campo minguado de grama nenhuma, uma grande imagem, na única rua, de Nossa Senhora Aparecida e São Francisco de Assis lado a lado, juntinhos que nem casal com mãos a abençoar o lugar, um bar com sinuca para entreter as ideias, um silêncio misterioso no ar cortado pelo vento que rugia baixinho e mostrava força batendo na cara. Ao olhar para o chão que eu pisava imaginei o cheiro bom que deveria surgir daquela terra vermelha se de chuva fosse molhada e era de pintar os pés. Cheguei com sol alto, ardia o queimar, outros caminhantes já estavam por lá, tinham chegado na noite anterior, outros até dias antes, já era comecinho de mês de julho, mas festejaram São João e São Pedro antes do meu chegar. Desembarquei as malas, a barraca que seria minha morada durante os dias seguintes, desembarquei minhas expectativas e anseios e ao tragar fundo aquele ar eu pude intuir, “sertão não é céu, mas Deus vive lá”.

Alguém me indicou o caminho e vi que dali por diante sempre haveria de precisar de um guia, um orientador para os passos, para me apresentarem o lugar onde eu deveria de me instalar. Estávamos no Crer-sertão, espaço criado para a troca das ideias e saberes, para implementação dos

sonhos, para os debates e assuntos da região. Procurei um cantinho de chão no terreiro que rodeava o lugar e armei barraca, descansei tempo curto meu corpo naquele novo leito. Logo já um outro realizava chamamento para sermos servidos da fartura que se tinha por ali, fartura do acolher, fartura de falas, de viola, de risos soltos, de olhares em busca do se reconhecer no outro pra dali já partilhar. Já era hora da partilha do alimento, que também era farto, cheio dos cheiros e sabores mineiro, sertanejo. Aquilo também era encantamento, ali também se via a essência daquele povo que já deixava um sinal de si na gentileza do bem servir.

Sobre o fio da meada

A roda qu'eu fio nela
 Ô baiana, ôi, ai, ai
 É só eu que ponho a mão
 Ô baiana, ôi, ai, ai
 Ou então minha cunhada
 Ô baiana, ôi, ai, ai
 Que é muié do meu irmão
 Ô baiana, ôi, ai, ai

Foi se chegando grupo de mulheres, traziam cestas de algodão e rodas na mão, com elas cantoria veio junto. “Era canto de trabalho”, alguém falou pelos lados. Uma delas disse:

— Cantar espanta tristeza do trabalhar no fiar, desde os sete canto e fio.

Eram as artesãs, fiandeiras tradicionais do Vale do Urucuia que tecem, tingem, cardam, bordam, cantam e contam histórias de suas trajetórias de vida e relatos que se tramam nas demais histórias cantadas. Estavam naquele canto ancestralidade, empoderamento feminino, autonomia, um pouco de dor na cantoria também se sentia e muito, muito amor pelo trabalho e família. Ouvi relato de uma delas de que até quando puder mexer as pernas, iria agitar a roda de tear, que ninguém de seus netos e bisnetos queriam naquilo trabalhar, nem se entreter naquilo queriam. Alguns já tinham ido procurar o saber das letras “numas escolas que chamavam de institutos federais” que chegaram a algum tempo na região.

Era difícil para vizinha fiandeira entender o fio da meada, que, assim como os pés, agitava a roda, onde cada fio corre seu ritmo e tempo marcado pelos pés, naquele círculo que tudo passa e se transforma em algo novo. Transformando-se: assim também estavam os seus filhos, netos e bisnetos que corriam a seu tempo e ritmo na nova roda do mundo.

O que pude tecer em pensamento neste primeiro dia, ainda sem caminhar sobre as pernas sertão adentro, mas pelas ideias e diálogos já tramados e que já se moviam como na roda do tear, girando na cabeça, era que as práticas socioculturais desenvolvidas na região, assim como o

cooperativismo e iniciativas com princípios de economia solidária, são formas de resistência, preservação de identidade que promovem o fortalecimento e a disseminação da cultura regional (mobilizando e oportunizando dos mais velhos aos mais jovens da comunidade), o resgate de autoestima e valorização da região. Contudo, a população nativa do sertão que não migrou para as cidades, sofrem com suas terras invadidas, griladas para expansão do agronegócio e produção de carvão. Tal população vem resistindo a duras penas, com suas práticas socioculturais que lhes conferem identidade e lhes garantem parte do sustento. Apesar de tudo, a juventude rural por ali vem sendo atraída pela vida urbana e seus apelos, de modo que gradativamente as práticas tradicionais e as conexões com suas raízes vem sofrendo um abalo, devido a constante migração destes para os grandes centros urbanos na esperança de melhores oportunidades, além da curiosidade e ânsia da busca por novos saberes. Era o movimento, a roda a girar.

A noite chegava, o frio também fiava

Muitos, depois de uma tarde de apresentações, já estavam próximos. Eu ainda estava assuntando, troquei ideia com alguns caminhantes, com alguns nativos da comunidade, com alguns guias locais, com o dono da mercearia, do bar. Era o exercício da escuta que se realizava a todo momento em mim. O falar ainda era pouco. Estava assim meio em estado de contemplação. Eram informações em demasiado e coisas que eu não estava crendo em ver, escutar. A escuta aquele dia tinha sido um deleite. Afirmou-se no texto de abertura do edital do Caminho:

Desenvolver a capacidade de escuta é o que proporciona a abertura incondicional para o verdadeiro diálogo e o que permitirá sair de si e peregrinar por percepções terceiras. (EDITAL DO CAMINHO, 2016, paginação irregular).

Constatar de maneira vivencial tal pensamento, me remeteu aos estudos Freireanos, sobre a importância do educador ter a percepção da realidade de mundo do educando, através da disponibilidade permanente à escuta, onde o exercício do diálogo é dado pelo direito a palavra que por vezes foi silenciada e negada na prática pedagógica. E ali no sertão não era diferente, ainda na literatura rosiana, o autor Rosa deu voz aqueles excluídos e silenciados pela sociedade dentre seus diversos personagens: mulheres, bêbados, velhos, crianças, jagunços, prostitutas, andarilhos, sertanejos, animais e até natureza. A proposta do Caminho do Sertão já me mostrava um dos objetivos sendo alcançado ali, já no primeiro dia de vivência na atmosfera sertaneja rosiana: a valorização da escuta e do diálogo sendo exercido entre visões distintas de realidade e entre os saberes e fazeres populares/tradicionais e o saber culto/acadêmico.

Já podia me recolher. Naquela noite eu dormiria encharcada de novos olhares e ensinamentos, ali eu não me sentia educadora, estudante de graduação, pedagoga, eu me sentia aprendiz, peregrina que já saía de mim percorrendo terceiras percepções.

Dia 01

31 Km / Sagarana - Morrinhos (Urucuia)

O sol chegou nem licença pediu
 Me acordou com um tapa de luz
 Porta não há que me possa abrigar
 Tô no tempo, o tempo é meu lar
 Hora de levantar, hora de se lavar
 Hora de despertar para o dia
 (Versos da música Amanhecer - Rubinho do Vale)

O despertar foi antes mesmo do sol surgir, apesar de ser cantado como se já estivesse despontado. A música ecoava como despertador. Educadora popular, violeira do sertão, dava o tom do despertador, entoava canto doce e acordes de viola, ainda no escuro e frio da madrugada. Andava entre as barracas nos fazendo perceber que era hora d’espertar. Letra da música já nos induzia a isso onde os pés já deveriam se posicionar espertos para o primeiro dia de caminhada. Aquela necessidade de estar a postos às 04:30h da manhã era um tanto incômodo para meus hábitos urbanos. O guia sertanejo já tomava café quente “pramode” distrair o frio, falava assim. As palavras pareciam duas ou três numa só, a linguagem ali parecia outra, era carregada de um regionalismo que não era fictício dos contos ou romance do Rosa, as palavras tinham mesmo aquela força de sentidos e identidade que o livro trazia.

A letra da música não só despertou os pés, mas também o temor da caminhada. Receava não conseguir andar a pé tanto tempo, não sabia limites de meu corpo, muito menos mensurava meus limites. Apenas fazia ideia destes e, como o grilo falante ou o diabo na garrafa, uma voz me dizia:

— Nem que seja carregada, você caminhará cada quilômetro a que se propôs! E eu não me dava ao direito de rejeitar o chamado que me propus, não ainda no primeiro dia, antes mesmo de testar tais limites.

Após café da manhã, farto porém breve, levantar acampamento, tomar mochila nas costas e receber orientações para o início da travessia foi a sequência. Grupos divididos com guias a frente

e atrás, fechando cada um deles, o que não nos impedia de avançar nos espaços e inserir-se em outro grupo ou machar lentamente e estar entre outros. O passo ali definiria seu tempo e lugar. Foi nos entregue um cajado feito de bambu. Só via significado nele como apoiador de meu corpo, mas ele foi mesmo companhia, me escutou em alguns momentos e, na troca silenciosa do diálogo, ele me falou de resiliência. Aquele já estava trabalhado, forjado a rigidez para servir de apoio, mas o cajado bambu, depois da travessia, teve meu olhar resignificado. De saída, tivemos como estímulo e inspiração carro de som, próprio de anunciar chegada de circo, parquinho de diversão e teatro popular na cidade com música do cantor e compositor Siba, onde letra nos trazia uma mistura de ritmos. Era como anúncio, aboio ou entoada para informar que bando estava adentrando no sertão,

“Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar”.

(Cantor e compositor Siba)²

Os meus primeiros passos foram dados ao lado de um guia que tinha caminhada rápida, era conhecedor da região assim como os demais, porém, cada um tinha uma ligação diferente com aquele lugar. Um falava mais da fauna e flora, da paisagem, de como ele se modificava com a degradação do meio ambiente ou com a mudança do tempo e clima da região. Outro falava dos matos que pareciam ervas curandeiras, mas que podiam mesmo era levar à morte. Outro, conhecia mais dos animais da região. Onça, cobra, arara, pássaros. Era tanto falar que você nem sabia onde ficar, o que queria aprender com aqueles mestres, com qual deles partilhar caminho. Havia ainda os contadores de causo, alguns até verdadeiros. Havia o médico do sertão, que sabia como tudo curar com o cuidar das mãos, das rezas, das ervas assim como um guia que caverna, rio e canoa ele conhecia bem e não temia. Navegou de perder as contas o São Francisco, dormiu noites relento pelas cavernas do vão dos buracos e outras regiões por ali. Margem do rio pra ele era casa. Era de olhos claros, assim como Diadorim, e tinha também aquela coragem. “Viver, carece de ter coragem”.

Passei por todos os guias, estive em grupos distintos, mais à frente, mais atrás, a depender do ritmo de meu corpo ou do que eu buscasse “curiar”. Ainda não havia encontrado passo e ritmo certo naquele caminho, acho que ainda não encontrei até hoje. Eu só ia andando, pé a frente de pé. Meus passos não acompanhavam aquele de pernas longas, gibeira na cintura, mais velho de todos: Seu Argemiro. Era o das boas conversas sobre Sagarana. Na verdade não sei até agora do que ele não sabia prostrar, mas nossa primeira palestra foi sobre o baru. “Baru é uma castanha de sabor semelhante ao do amendoim, fruto do baruzeiro, que tem vitamina mais que castanha e que amendoim junto, que dá força e energia, vai ajudar pra caminhar comer um pouquinho dele”.

² Título de música do cantor Siba, 2007.

Disse que quando findasse caminhada “num se preocupasse não”, que tinha uma garrafa, “dessas de pet, sabe?! de plástico?” “cheinha” deles pra me dar. De tudo ele podia ensinar, mas minhas pernas marchava lento e nem sempre segui ao seu lado, nossas conversas durante a caminhada se deram mais nas caídas das noites e nos terreiros depois das chegadas. Assim, cada grupo que avançava por mim, conversava um tiquinho com o guia e os caminhantes, mas naquele momento de início, as trocas de fala eram poucas, estava ainda aproveitando o silêncio. Escutava a cadência de minha respiração e as falas silenciosas que vagavam pela memória. Naquele início os diálogos se davam por indagações sobre o lugar em que estávamos a passar e através de perguntas e alertas de cuidado: “Tudo bem aí?” “Precisa de algo?” “Cuidado para não dispersar do grupo!” “Beba água!”. Eu, como antes, continuava a ouvir. Ouvia mais do que falava. Deste meu primeiro momento de caminhada, Gros retrata bem em suas palavras esse contexto:

O ritmo básico é aquele que melhor convém a cada um, a tal ponto que não se sente cansaço ou pode-se caminhar por mais de dez horas sem entrar em choque. [...] então quando a questão é pautar-se pelas passadas do outro, para acelerar ou diminuir o ritmo, o corpo não reage tão bem. Nem por isso é absolutamente necessária uma solidão completa. Sendo-se só uns três ou quatro... Sendo-se só uns três ou quatro, ainda dá para caminhar sem falar. Cada um acerta seu passo, ficando-se ligeiramente distante, e o primeiro a frente se vira de vez em quando dá uma parada, fala: “Está tudo bem?” (GROS, 2010, p. 60 - 61)

Assim, se deu quase toda minha travessia pelo caminho, três ou quatro sempre por ali, por perto, do lado. No início quis isso, de acompanhar passadas de alguém pra não ficar tão só, ou tão atrás. Já havíamos andado boas léguas, eu não sabia tanto quanto, nunca entendi bem de quilômetros, ainda mais ali, que tudo era medido como légua. Só sei que pelo tanto não parecia pouco, meu corpo ainda não reclamava, só os pés, estes nunca haviam andado tanto, já reclamavam pouquinho, pude agradecer e perceber a serventia deles ali, naquele caminho e nos outros que me oportunizou dar meus passos. Sobre os pés, Labucci menciona:

Erguer-se sobre dois pés é nosso primeiro feito; dali começa nosso caminho no mundo. É um gesto natural como tantos outros, que não precisa de protestos, artifícios, artefatos, técnicas particulares – precisa apenas de nossas pernas. (LABUCCI, 2013. p. 25).

O pensamento do autor corrobora com a minha tomada de consciência que ali minha parceria era com meus pés e pernas. Me fez entender que começar o caminho dependia tão somente de mim, dos meus passos. O ato de movimentar-se só era possível a partir de meus pés, e não só no caminho do sertão mas também na minha vida pessoal e profissional. Seria o movimentar-se sob meu comando que provocaria o caminho, que eu só não sabia ainda direção, ali eu sabia que era sempre em frente. O sol já tinha atenuado o arder, eu não sabia das horas, não

havia preocupação com tempo ou com que horas chegar. Não estava agendado, marcado. O compromisso não era com a hora, era apenas de chegar ao fim do percurso daquele dia, e eu cheguei.

Avistei grande rio, era de grande largura sua margem, uma a outra, longe eu já podia observar. Mais perto vi águas verdes, de novo me senti de fato no cenário do Grande Sertão Veredas, era o Urucuia, dos olhos verdes de Diadorim, o rio do encontro entre Riobaldo e Diadorim, o “rio do amor”. Ao chegar perto o verde se intensificava, “perto de muita água, tudo é feliz” e eu estava aliviada, mais que feliz, tinha chegado até ali, tinha chegado até ele, até a margem. Firmada em frente ao Urucuia entendi o porquê de Riobaldo manifestar tamanho fascínio por aquelas águas em suas narrativas em Grande Sertões Veredas como, por exemplo: “(...) meu, em belo, é o Urucúia – paz das águas... É vida!” (ROSA, 1996); “Viemos pelo Urucúia. Rio meu de amor é o Urucuia.” (ROSA, 1996); “Ah, o meu Urucúia, as águas dele são claras certas” (ROSA, 1996).

Do outro lado do rio estava Morrinhos, informações e fala antes de lá chegar davam conta de dizer do lugar que de nome tinha mudado várias vezes, que Riobaldo nasceu foi lá, que primeiro povoamento da região surgiu ali, bandeirantes em outros tempos se apossaram do lugar que índios também viveram ali e até escravos fugidos passaram, aqueles foras da lei, perseguidos por uma lei que nem existia no tal lugar também fizeram pouso nos primeiros tempos de surgimento do lugar.

E tudo isso entre o real e o criado entre estórias e histórias rondava a minha chegada em Morrinhos, mas, sem dúvida, o melhor foi o banho nas águas, foi o mergulho no Urucuia. Senti medo igual Riobaldo, depois coragem igual Diadorim. Foi quase um batismo, o espírito santo não se chegou ali, mas divindade da natureza causava renovação do espírito, “paz das águas”, deleite para o corpo quente e cansado. “Um descanso na loucura”.

Depois do banho frio, sentia já os calcanhares reclamar dor fina. A água gelada do rio aliviou dor dos pés e queimadura na pele. Atravessei de balsa, guiada por nativo de Morrinhos. Orientava todos espalhar peso pelo espaço “um pisquim”, um pouquinho era o que ele queria dizer, “pra que peso num fique de maior de um lado ou de outro”, disse o senhorzinho. Havia balanço na balsa, mas eu, que já tinha mergulhado, medo já havia passado.

Durante este primeiro percurso e durante banho no rio estreitei laços e conversas, percebi que entre os caminhantes nós tínhamos tudo que era perfil, ativistas culturais de áreas diversas, literatura, artes plásticas e cênicas, fotografia, músicos, compositores, produtores culturais, ambientais, militantes do desenvolvimento territorial sustentável, agroecologia, economia popular solidária, acadêmicos de diversas áreas do conhecimento, estudiosos e pesquisadores e jornalistas

interessados pela obra de Guimarães Rosa e/ou pelas temáticas associadas ao sertão/cerrado; lideranças populares dos movimentos sociais e moradores do entorno do caminho e ainda aqueles centrados na experiência do caminhar, numa jornada existencial, quase compostelana.

Já anoitecendo consegui tomar um banho e usar banheiro em casa cedida por moradores da comunidade, busquei barraca e coisas minhas e formei pouso no quintal que abriu portas, era já escuro e senti dificuldade para montar barraca. Perdi tempo demais ali e eu queria era já me esquentar na fogueira e assistir a folia de reis, defronte a igrejinha da comunidade de Morrinhos, que já estava preparada, esperava os caminhanes para se “bemfazer” assistindo a cantoria e danças de folia de reis. A noite era fria mas a fogueira grande dava conta de esquentar a noite e a plateia ali já instalada. Saudou-se o dono da casa depois seguiu-se a apresentação, aquela interação resgatava identidade. Jovens mantinham a tradição.

Dia 02

36 km / Morrinhos – Vila Bom Jesus (Igrejinha)

O despertar era sempre com música para talvez dar ares de relaxamento e amortecer dores musculares. Não era tão cedo como no dia anterior o chamamento, o sol já havia dado seus sinais, também não sentia tanto frio como antes, talvez já pela presença do sol. Naquele dia senti corpo doído ao acordar, mas também sentia vontade demasiada de continuar o caminho. Ali, logo após o café da manhã a saída foi rápida, seguimos de Morrinhos por 5 km até a rodovia MG 202, neste percurso vi as mais belas paisagens contracenando com plantações de soja e feijão em larga escala, a irrigação e suas máquinas funcionavam a todo vapor, um dos guias falou com pesar: - A água puxada vem das veredas, dos rios, tá vendo aquele açude d'água que se forma ali atrás das plantações, é água de lá, das veredas.

Era visível grandes bombas a puxar água, assim como, um líquido branco misturado a água que formava pequenas poças ao escoar em meio a plantação, tinha cheiro forte. Nunca tinha tido a dimensão da problemática do agronegócio e da importância da garantia do direito a agricultura familiar e dos alimentos orgânicos até ver a contradição do alimento que iria para mesa do brasileiro com placa de indicação de: perigo, veneno, pesticida. Aquilo me impactou, a dissonância entre aquela extensa área de monocultivo, ferindo a paisagem deserta de árvores, com tudo que eu já tinha visto e vivido até ali de natureza viva, protegida e exuberante, me confrontou. Relatos das conquistas e resistência da agricultura familiar na região, a luta pela alfabetização, pela garantia dos direitos de acesso à terra, pela afirmação da produção agroecológica e pela sobrevivência digna, me fez pensar na importância das lutas dos movimentos sociais para garantia ao direito da

alimentação saudável, como a importância da conscientização no espaço escolar para a educação ambiental e toda sua dimensão política e social perpassando pela valorização de uma alimentação saudável, norteadas pelo consumo de alimentos orgânicos e de produtores locais. Segui pensando minhas práticas como educadora, mas acima de tudo como cidadã.

Comecei a refletir sobre os pesos desnecessários à minha caminhada, coisas que não faria diferença. Me dei conta que muita coisa ali, naquela mochila e em mim, era desnecessário. Sobre eliminar o supérfluo, das mochilas e numa visão mais ampla, de si mesmo, nos ensina Labucci:

Quem caminha sabe que eliminar o supérfluo é um dos primeiros mandamentos. Para caminhar é preciso estar leve e para estar leve é preciso restringir-se ao essencial [...]. Restringir-se ao essencial significa dar valor as coisas, reconhecer a alma mais verdadeira. E então, decidir. Decidir o que você levará consigo no caminho e o que deixará. Parece nada, mas é tudo. (LABUCCI, 2013, p. 69-70)

A reflexão acima dialoga com a vivência do caminho, onde pude experienciar o “bastar-se de pouco para contentar-se com o necessário” (LABUCCI, 2013, p. 71). Diante das comodidades ofertadas pelo mundo do consumismo e da supervalorização do supérfluo, o caminho proporcionou-me viajar valendo-me de “ferramentas” da mais autêntica naturalidade e autonomia – o meu próprio corpo, travando contato com a magnitude da realidade sertaneja, que restringe-se a uma leveza do essencial, acontece em outro ritmo e temporalidade, com saberes e fazeres próprios.

Seguindo adiante nos passos em chão pesado de terra fofa, proseando com caminhante artista de São Paulo e o guia sertanejo do Vão, curador das bolhas, mencionei da dor que estava me perturbando corpo e ideias, o joelho estava pedindo descanso, mas eu não queria me sentir derrotada, não queria parar, continuei seguindo, até que a dor aumentou, aquele guia não orientava apenas o caminho a ser seguido, mas aconselhava em quase tudo que fosse conversado, era quase um confessor. Disse-me ele da necessidade de naquele momento eu parar um pouco. Fui teimosa e segui andando. Aquele dia estava quente demais, o vento não me aliviava. De novo o guia me zelou, trouxe água de seu cantil sertanejo e molhou-me as faces, depois disse que jogasse por sobre a cabeça ainda mais água. Vi ali que água e sombra era unicamente o necessário, para alívio. Se sombra encontrasse tinha “paragem” descansaria o joelho. Se água, aliviava sede e arder de pele, na falta dos dois dentre meus supérfluos na mochila, o guia foi o essencial, o necessário dele foi que me serviu.

Meu joelho voltou a doer. A kombi dos avariados - nomeei assim o carro de apoio - também chegou ao local e perguntaram se alguém queria seguir um pouco por sobre as rodas para descansar e dar alívio ao corpo. O guia me olhou, parecia olhar meio que de pai preocupado e que

falava com os olhos. Segui seu conselho dado novamente, desta vez com o olhar. Reconhecer que eu não estava bem e aceitar os limites de meu corpo era mistura de angustia e ira, precisei ali demais questionar-me, me senti frustrada por ter que pausar, parar por alguns instantes, logo aquela situação reverberou em meu pensamento, outras pausas que precisei vivenciar, entre elas a vida acadêmica. Sem dúvida a minha jornada era também existencial, o diálogo agora era comigo mesmo, havia tido perdas recentes e ali me sentia perdendo de novo. Tinha consciência que o receio de continuar a caminhada era no “bobo corpo, não no interno das coragens”, da minha coragem. Sobre o corpo escreve Labucci:

A esse corpo que vive, pulsa, reclama seus direitos, que é unha e carne com o caminhar e do qual, caminhando, exigimos tanto, a esse corpo devemos aquilo que há tempos se perdeu e que nenhuma tecnologia ou ideologia pode substituir: atenção e escuta para corresponder, nada mais. Quando, pelas circunstâncias mais diversas, não for possível exercitar atenção e escuta, então a própria vida sofrerá, irreparavelmente. (LABUCCI, 2013, p. 24)

A aprendizagem do dia tem relação direta com a citação acima, sobre a importância de parar, refazer-se. Escutar o corpo, mas sobretudo o outro, aquele guia com sua sabedoria de realidade de mundo, de experiência já vivenciada no caminho, onde o não exercício da escuta ao meu corpo e as suas palavras de zelo, irreparavelmente trouxe-me a dor. Escuta e respeito a si mesmo, aos limites do corpo e da alma, coragem carece de ter, e eu tinha, mas, mais importante neste dia era reconhecer que não por falta de coragem mas por respeito ao corpo que pedia descanso, pausar era necessário. O caminho não tinha fim, não permeava da impossibilidade de continuação, apenas naquele dado momento “carecia” de renovar-se, para prosseguir com menos dor e pesos mais à frente. Assim era sobre o caminho do sertão, assim era sobre minha vida pessoal, assim era sobre minha vida acadêmica, assim era sobre minha prática pedagógica, escuta, pausa se necessário, refazer-se, renovar-se para prosseguir.

A frente, com rodas por pernas, cheguei bem primeiro que demais caminhantes, eu logo deitei no chão frio que encontrei em casa de acolhida e pouse daquele dia, escorei por ali e fiquei a descansar, não quis banho, não quis nada, só deitar. Era noite já, quando começou a chegar os demais caminhantes. Aquele tinha sido o percurso mais longo e mais sofrido para um bocado de gente. Era corpo reclamando, dando sinais de superação de limites, era cabeça e coração misturando ideias e sensações. Uns traziam gratidão com misto de dor e choro, de um jeito ou de outro todos estavam ali, chegando, e sendo atravessados pela travessia.

Ainda houve quem teve forças para ir ver, ouvir, sanfona tocar e pés ainda agitar no forró da comunidade que acolhida tinha preparado, ainda fui por lá, observei pouco, escutei pouco, proseei pouco aquela noite, por que tudo vivido já tinha me sido muito, enchido olhos, corpo e alma

aquele dia, despedi-me das cantorias, escutei ainda alguém cantando Lamento Sertanejo. Enquanto seguia, caminhava na ruazinha curta principal, até onde estava minha dormida. Aquela música me fez pensar que ali eu não caminhava a esmo.

Dia 03

15 Km / Vila Bom Jesus (Igrejinha) - Fazenda Menino (Dona Geralda)

Nos reunimos ao raiar do dia, após café da manhã defronte à igreja, caminhão de apoio já tinha partido com nossos pertences, agora eu pouca coisa carregava. Deixei tudo por lá, sempre mais água que qualquer coisa era o que eu me preocupava agora em ter, as faces dos caminhantes ainda carregavam cansaço do dia anterior, foram doze horas quase de caminhada e que eu nem sabia que tempo tinha sido tanto (não via as horas ali desde que havia iniciado caminho). Iniciei o dia desperta para caminhada joelho doía quase nada, resolvi seguir andando, foi pouco, logo joelho voltou a reclamar, a kombi vinha passando, neste dia já recuperei as ideias e deixei de “bóbeia”. Aceitei o socorro sem muito questionar, estava cansada do corpo, das ideias nem tanto. Questionava ali dentro de mim apenas. E sobre o inevitável questionar-se, reflete Labucci:

Quem caminha vive sempre uma experiência binária: da diferença e da igualdade, da individualidade e da sociabilidade de si mesmo e do mundo. Caminha-se sempre dentro de um contexto social: e como já dissemos, uma vez que os pés fazem o pensamento se movimentar, é inevitável questionar ou questionar-se. (LABUCCI, 2013, p. 54).

Era nesse contexto citado, que eu estava inserida, imersa. Os pés a movimentar-se, movimentava as concepções o entendimento e assim provocava os questionamentos.

Seguimos para atrativo do dia, era banho na cachoeira de águas doces, “Quem disse que no sertão não tem água?” A parada foi um refazer de fôlego, para depois do almoço seguir adiante. Eu voltei a kombi este dia tinha sido improdutivo de passos para mim, o corpo ainda mandava e eu respeitava, obedecia sua dor. As paisagens agora eram da janela lateral da Kombi do sertão, algumas pausas no percurso para socorrer outros caminhantes ou para apoiar com algo que ali se carregava. O Miltinho, condutor de sorriso largo, parou a kombi para que alguns pudessem usar o banheiro livre, aquele no meio do mato. Miltinho era enfermeiro na cidade, mas disse que era mais feliz mesmo quando estava no sertão.

Partimos e já era quase pôr do sol quando chegamos a Fazenda Menino. Fiquei na entrada que tinha encruzilhada de estradas largas de terra, parei ali, estava extasiada com aquele pôr do sol de laranja acentuado com cortes largos azuis: era o mergulho do sol na noite, a lua despontava do outro lado e me fez ver os dois, um do lado do outro, era o sol namorando a lua que eu avistava

pela primeira vez. Logo noite se fez escura era de um breu absoluto, luz mesmo, só na casa sede da fazenda menino, direcionei-me para lá e mais uma vez o ritual de armar barraca fui realizar, desta vez a artista paulistana e a professora do sertão de Goiás já estavam lá, vínhamos dividindo barraca desde o dia anterior, era minha casa temporária grande demais, solidão já não era parte e com professora Goiana era tanta troca que não faltava o que conversar, a menina paulista parecia irmã mais nova, era conselho que ela agora vez por outra tinha, das irmãs mais velhas companheiras de barraca e do sertão.

Logo chamaram todos para a sala grande da casa, esperava por nós dona Geralda e sua família, responsável pela acolhida daquela noite e pela história que não estava oficialmente contada, mas registrada na vida vivida. A casa de dona Geralda tinha sala grande cheias de cama, era pouso pra viajantes, desde sempre foi assim, segundo ela, um tal de Margella lá fez pouso, quando pelas terras dali andou.

Começou falando de sua chegada em 1968, tinha como ofício ensinar as letras, era professora vinda de Arinos – MG, chegou nas terras da fazenda num carro de boi acompanhada de marido e sete filhos pequenos, passando todos por necessidade, foi viver lá a convite do alemão Max Hermann, que tinha propriedade das terras mediante casamento com Senhora Marina herdeira das terras, a contratou porque queria montar escola. Relatou que ele sempre a tratou muito bem e pagava bom salário, cismou de início com as cordialidades e bondades que não estava acostumada a receber, mas viu do interesse da escola instalar. Lá era terra de muita gente, mas tudo fraco de estudo segundo ela, logo no primeiro dia se matricularam 106 alunos. Sua função de professora garantia sustento e moradia para si e família. Em 1970, ela via acontecimentos políticos, como guerra naquele pedaço de sertão, não entendia porque seu patrão era chamado de comunista e ela junto também era, o prefeito que assumiu posto não a queria mais como professora da região, queria que ela deixasse o lugar, seu patrão seguiu para o Rio de Janeiro, mas ela não aceitou sair, temia voltar a passar necessidades, ficou e além de professora agora fazia função de administrar a fazenda, foi avisada de que ali tinha ficado perigoso para ela e família, mas não se amedrontou.

“Mamãe, tem polícia aqui atrás da Senhora, um tanto de polícia!” Gritou de fora adentro um de seus filhos. Quando saiu e foi ver o acontecido, 8 (oito) homens desceram de um jipe e foram pra cima dela, apontando fuzis em direção de sua cabeça, dizendo que iriam vasculhar a casa toda e ver tudo o que tinha por lá, depois a levaram até a casa sede, disseram que ela havia de contar tudo o que tinha acontecido e o que tinha deixado de acontecer a mando do patrão dela. “Eu não tinha nada pra falar, nem o que contar. Eu trabalhava pra criar meus filhos. Sem poder ser professora, Seu Herman tinha me deixado como capataz da fazenda, e tinha ido embora para o Rio de Janeiro.” Dona Geralda relembrava e nos contava, que aqueles todos policiais queriam saber

dele, do patrão dela. “Eu abri a gaveta e peguei o cartãozinho que tinha o endereço e o telefone dele e entreguei, mas eles queriam que eu falasse.” Dona Geralda foi interrogada durante seis dias, deveria dizer das ações de seu patrão e da participação dela o apoiando, sem direito a comunicação e a sair da fazenda seus filhos e marido foram afastados da casa sede, onde a instalaram. A chamavam de comunista e ela disse que nem sabia o que aquilo significava, tudo que Dona Geralda repetia era sobre a rotina normal da fazenda, da partida de seu patrão há tempos a deixando administrando tudo.

Um major do “Dops” nome que ela escutava eles falarem, foi lá ameaçar e avisar que o tempo dela havia se esgotado tinha até a noite para contar a verdade. “Mas que verdade?” se perguntava dona Geralda, o esquadrão iria matá-la, as 19:00 da noite, ele avisou. Ela sem medo retrucou: - “Tá certo, você me mata e depois cria meus sete meninos, por que se eles ficarem aqui nessa terra, sem mãe, no sofrimento, eu volto pra lhe atazanar até o último dia da sua vida! Que eu vou lhe assombrar!” Na hora marcada dois homens vestidos de preto chegaram, a algemaram e levaram para o matagal, disseram para ela ajoelhar e pedir perdão, disseram assim: “Agora ajoelha e pede perdão a Deus e ajoelha e pede perdão ao seu marido também, porque mulher sem-vergonha quando morre vai para o quinto dos infernos se foi falsa com o marido!”. Ela sem medo respondeu: “Eu não vou pedir perdão a Deus, que ele bem sabe o que eu tô sofrendo e nem vou ajoelhar e pedir perdão ao meu marido, que se ele cuidasse de mim e dos meninos eu não tava aqui com vocês querendo me fuzilar!” Empurraram-na no chão e começaram a atirar sem parar, contou que ficou parada, dura, no meio da fumaça toda, daquele barulho, sentindo o cheiro da munição. Quando escutou eles rindo e perguntando: “Ué? Não tá morta? Tá viva ainda?” Ela disse que tava morta, mas era de raiva deles! Estavam atirando pra cima para assustá-la, logo levaram ela de volta e escutou conversa dos policiais com major onde ele não acreditava que ela nem chorado tinha, suplicado, nem desmaiado, também não. Os policiais a descreveram como mulher bruta, valente que não temia a eles. Chamaram para novo depoimento e vendo que nada mais era acrescentado a liberaram ainda com ameaças, mas partiram de lá.

Dona Geralda disse que depois começou a pensar, será que pelas ideias do patrão de querer ali fazer cidade igual a Brasília, no meio do sertão, com nome de Marina e por ter recebido por lá gente que chegaram até uma vez de avião, homem chamado Niemeyer para que ele visse tudo e pensasse como erguer a nova cidade e nesse dia mesmo, ele e mais outros vieram junto passar o dia, tinha por nome de João Goulart e Brizola, será que por isso perseguiam seu patrão, era por isso que era comunista? Alguém perguntou na sala, um dos caminhantes: - A senhora viu estes homens que vieram visitar a fazenda? “Eu não vi. Escutava as vozes, eu estava na cozinha ajudando a preparar as coisas.”

O certo é que segundo relata Dona Geralda, os mais de 89 mil hectares foram todos vendidos, loteados pelo patrão dela, todas ao estrangeiro, mas ninguém até dado momento tinha ido reclamar direito a terra, porque quando aparecia ou mandava carta, já era avisado por ela que as terras estavam todas distribuídas arrendadas pelos posseiros e que a briga iria de ser, dor de cabeça demais.

Escutamos relatos de pesquisadores e ativistas da região que fizeram recorte da conversa realizada aquela noite na sala da Fazenda Menino com Dona Geralda, resumindo e confirmando ponto referente a aquisição e situação das terras, “A Fazenda Menino é localizada no Vale do rio Urucuia, próximo à comunidade de Ribeirão de Areia, de fato na década de 1950 o alemão Max Herman adquiriu estas terras, reuniu em sede da fazenda Menino políticos citados por Dona Geralda como, João Goulart, Leonel Brizola e ainda Miguel Arraes, além do arquiteto Oscar Niemeyer que dialogava um projeto ousado de construção da Cidade Marina onde a ideia era construir uma cidade para 200 mil pessoas no interior da fazenda, cuja produção agrícola abasteceria a própria cidade Marina e também Brasília, localizada perto dali, porém com a ida de Herman para o Rio de Janeiro o projeto não teve andamento e a tomada de terras se deu como bem mencionou Dona Geralda, distribuídas e arrendadas por posseiros.

Após toda esta prosa e informações que eu desconhecia sobre este contexto político, fomos em grupo apreciar o lençol de estrelas que se estendia ali, diante do breu, sertão adentro, era infinito o lume das estrelas e quantidade delas que podiam ser vistas, já tarde e cansada me recolhi e guardei o aprendizado do exemplo de resistência de Dona Geralda, assim como a quebra de paradigmas e questões de gênero onde aquela mulher tomou frente na luta pela sobrevivência e defesa de sua família.

Dia 04

Fazenda Menino / Garimpeiro (Dona Maria)

Segui naquela manhã seguinte a princípio na Kombi, na noite anterior as dores do joelho e musculares na coxa me desassossegaram o sono, os guias no meio da noite ainda cuidaram de minha dor, mas ao amanhecer o joelho inchado me impossibilitava de novamente seguir a pé, fui parte do caminho na Kombi, em certo tempo pedi para descer, não fazia sentido ir para uma caminhada e eu sendo levada por transporte de apoio, desci, caminhei bons bocados ainda que com dor e o sol que ia muito alto ardendo pesado a pele, nem deixava enxergar direito, fechava as vistas. De novo pegava chão de areial, o guia ensinava a pisar, dizia para pisar nas pegadas que já tinham batido chão, cajado ali era parceiro de novo, apoiava corpo, que afundava cada passada no areial. Parecia que quanto mais se andava a lugar nenhum se chegava, não via avanço, joelho

voltou a doer, coxa a fisgar, temi cair, bambeei, de novo era água que eu precisava molhar face e cabeça, assim o fiz, pouco alívio. “O vento ali sacudia a areia, (...) do vento que vinha, rodopiado. Redemoinho: o senhor sabe – a briga de ventos. O quando um esbarra com o outro, e se enrolam, o doido espetáculo”.

Senti foi muita sede e meu cajado é que me dava sustento do passo. Mas fui e não parei nem descansei até chegar no fim do areial e encontrar com os outros. Ali me sentei embaixo de uma árvore e fiquei. De novo recorri ao transporte, humildade. Cheguei antes de muitos, cedinho da noite, ainda cair do sol. Grande parte levou o dia todo pra chegar com noite já escura, eu não. Já tinha conhecido Dona Maria e seus netos, casa de chão de terra batido energia nenhuma no lugar, banheiro também não, alguém perguntou: - E tomar banho onde vai ser? Dona Maria foi nos apresentar, atrás da casa tinha vereda grande verdinha, de certa profundidade, correnteza gostosa de sentir, podia me deleitar naquele banho era merecido aquele momento, corpo se amoleceu, olhei ao redor de vereda pertinho dela mesmo, tinha plantação de hortaliças, eram tantas e vistosas, um pouquinho mais distante, mandioca, a agricultura de subsistência, ali existia, resistia. Dona Maria pedia para não usar sabonete ou shampoo na vereda, tinha ali pendurado na estaca sabão neutro que não prejudicava tanto sua água e seu plantar. Saí da vereda já escurecendo o frio que chegava me retirou de lá, segui para barraca que eu já havia montado, sentei a frente dela no chão do terreiro com as galinhas a passar, tinha sertanejo chegando de todo lugar, vinham para ver e puxar conversa boa com caminhantes diziam eles, tinha fogão a lenha, cozinha separada da casa coberta por palha de buritizal, mesa grande posta feita de vara, estaca que por ali se dava, o café cheirava forte para esquentar a noite, olhei para o céu era estrela demais da conta, parecia chuva delas, não havia energia elétrica em canto algum do córrego do Garimpeiro a escuridão era cortada apenas pela luz da fogueira que estavam a acender, cachorro latia forte em direção ao escuro, duvidava se era caminhante chegando ou mais coisa ele enxergava, alguém foi mais de perto olhar, seu Argemiro guia mais velho das idades, foi mais perto se juntando ao cachorro, gritou de lá: - É onça! Sem receio ou temor algum, tangeu junto com cachorro a onça que foi perturbada pelos novos visitantes no seu habitat. A noite no garimpeiro foi a mais fria, também a mais linda. Ao deitar o burburinho das ideias me faziam refletir sobre a simplicidade e o que parecia ser nada ali, percebi que era tudo, as conversas com a família de Dona Maria, os sertanejos que vieram naquela noite falaram-me do necessário. Vive-se com menos, bem menos, felicidade era coisa que todo mundo ali dizia de ter, as dores e angústias do sertanejo era não poder plantar e colher, isso significava não ter o que comer e mesa sem fartura era grande infelicidade, saúde também, saúde era coisa que não podia faltar. Sem ela, como roçar? Outras demais coisas não era razão de ser infeliz não. Naquela noite, eu não sentia nada, “só uma transformação pesável”.

Dia 05

26 Km / Córrego Garimpeiro – Ribeirão de Areia

Aquela manhã eu custei a querer levantar, o frio tinha me acordado noite toda, mas o que me agoniava mesmo era se despedir do garimpeiro e daquela gente de lá, foi como se despedir de lugar que eu queria ficar, vi ali novos caminhos possíveis.

Era dia antecedendo o último do caminho, passamos por descampado enorme que havia sido queimado para pasto, havia gado por ali que já mudava vegetação, não tinha nem planta, nem árvore nem nada por onde se abrigar, o guia falou tentando explicar, que muitos donos de terras estavam a proceder desta maneira para poder mais gado criar. No lugar da vegetação nascida cerrado, seria feita plantação de arbusto que serviria para os rebanhos comerem. Era uma tristeza ver aquela terra seca, preta queimada, esturricada assim. Apertamos passo para ali atravessar sem demora e deixar para trás aquele retrato de ignorância. Chegamos cedo no Ribeirão de Areia, bem recebidos fomos e logo nos deram refresco de tamarindo e biscoitos de polvilho. Banhamos em veredas próximas, montamos a dormida em frente da Capelinha azul do lugar, preparamos o que seria necessário para se fazer a passagem, dia seguinte pelo Vão dos Buracos, dizia todos os guias, lugares mais lindos agora, vocês hão de visitar.

Antes de dormir o guia Fanta, era assim que o chamavam, acho que porque ficava entre o vermelho e o laranja quando o sol lhe queimava, ele preparou escalda pés com ervas para meus pés e depois outros caminheiros também se chegaram para se servir daquele balsamo nos pés, dormir depois disto foi mesmo que tiro certo. Manhã cedinho, beju feito em casa de farinha pelas mulheres de ribeirão e café quente para espantar o frio. Despedi-me delas. A roda de conversa, na partida, os rituais de círculo e passagem de portal se repetiam e a cantoria também.

Dia 06

28 Km / Ribeirão de Areia - Chapada Gaucha

Vão dos Buracos

Partimos de Ribeirão, dali por diante segui com as companheiras e guias que fizemos mais aproximação, tinha gente que parecia mesmo que tínhamos reencontrado. Havia um colorido naquele céu aquele dia o azul infundo era cortado pelas muitas araras e rapinas em vai e vem, o chão tinha terra de muitas cores, os caminhos por elas eram estreitos parecia mesmo buracos de tamanduá só que com espaço suficiente pra gente humana andar, “caminhozinhos” aberto na pedra e na terra que variava do amarelo até chegar no marrom avermelhado, era muito barro de toda cor. O guia orientou: “- As descidas são demais inclinadas pra frente e estreitas também, o melhor é se

sentar e escorregar até lá embaixo”. Segui conselho dado, desci sentada alguns pedaços, outros escorados nas paredes que recostavam de um lado e d’outro do corpo, e lá embaixo?! Lá embaixo quando avistei era total encantamento o verde todo em volta! Mata bruta do cerrado, cercada por aqueles paredões de pedra lá nas alturas. Eu só não conseguia entender que eu havia descido, mas era no alto que eu estava a ver tudo, a contemplar. O movimento dentro do sertão eu não tinha noção como se fazia, parecia andar em círculos, outras horas retilínea, eu descia mas estava no alto, eu fazia movimento de subida mas diziam que eu descia. Era o movimentar-se. Era estado de poesia e contemplação.

Labucci, refletindo sobre a lógica urbana e o movimento de caminhar, afirma que:

Somos feitos para perder tempo, divagar, estacionar, contemplar. Não é um defeito a ser corrigido, um dano a ser reparado, uma doença a ser curada. Muito pelo contrário; é isto que nos torna únicos e irredutíveis a máquinas e a cultura mecanicista. Reza a palavra sagrada: à imagem e semelhança de Deus. E o falatório de hoje diz: à imagem e semelhança das máquinas. Caminhar é um triplo movimento: não nos apressar; acolher o mundo; não nos esquecermos de nós mesmos no caminho. (LABUCCI, 2013, p. 52).

A reflexão do autor, dialoga exatamente com o que a realização do caminho me proporcionou, um mergulho filosófico-existencial, onde o ato do movimento de caminhar possibilitou forma de acesso a novas percepções e sentidos distante desta lógica mecanicista citada por ele, implicado com o triplo movimento sugerido de não nos apressar incorporando no cotidiano da vivência a contemplação, acolhendo aquele mundo literário, o sertão roseano e seu povo e o conteúdo crítico e sociopolítico que ele nos inundava, não nos esquecendo de nós mesmos causando o diálogo e confronto com o já sabido, porém transformável diante das novas aprendizagens, naquela viva educação popular.

O Rio Pardo

Águas nascentes se ouvia, barulhinho de água correndo miúdo, havia buritis por ali, o sertão ganhava agora o encantamento das veredas e a sonoridade das águas do Pardo, das folhas dos buritis agitadas pelo vento, aquele era barulho bom de se escutar “O senhor vê: o remôo do vento nas palmas dos buritis todos [...], alguém esquece isso? O vento é verde. Aí, no intervalo, o senhor pega o silêncio, põe no colo.” (ROSA, 1996. p. 407).

Logo adiante o encontro com pequenos pedaços do rio em curva, “riachin” com as bordas vermelhas, o guia orientador dos passos, das ideias e dos saberes disse: “- É sangue, sangue da terra, ferro que desce das pedras de muita vermelhidão, lavadas e levado pela água, dar sustança, força a tudo que embebe pelo caminho”. Atravessamos, riachos e rios ali dentro escondidos

secretos, encontramos água gelada da mais pura, bebi dela, enchi garrafa. Nascente do Rio São Francisco! Nativo dali falou. Senti como se tesouro escondido de valor ali guardava as terras Gerais, a disputa já não era por ouro como foi em outros tempos na região, o ouro agora era cristalino e tinham todos sede dele.

Serra das Araras

Passou por nós voando baixo, casal de araras, observei que sempre passavam em par, e faziam ninho nos buritizais. Estranhei uma delas, era toda branca. Arara branca. O guia vendo minha surpresa logo quis contar que há muitos anos tinha nascido a primeira arara branca e ela se destacava das outras todas que já tinham formado par. Contou que arara que forma par era para vida toda, cor, com cor. Cada qual com sua cor igual, de pareia, a branca veio sozinha não tinha par, vivia sozinha, contou que um dia não se viu mais sinal dela por muito tempo, pensaram até que tinha sido abatida e quando já estava esquecida, ela voltou. Passou na revoadada direto pra dentro de um tronco de buriti. Em seguida a outra “ararona”, vermelha, entrou atrás. Lá ficaram as duas. E depois saíram voando em par. Não muito depois, junto com elas voava uma vermelhinha, “filhotezinha” deles. Assim, passando uma ou duas ninhadas sempre se via nascida deles, uma ararinha toda branca que também só ficava, até descobrir seu par vermelho e passar voando juntos pelo céu do Vão. A arara branca fazia par com a vermelha, não fazia par igual, gostava do diferente.

A história de tom bonito logo tomou rumo de contrariedade e ira, o guia completou dizendo da maldade do homem de destruir tudo que está perto de Deus, que muita gente havia chegado para caçar as araras, separar os pares e levar os filhotes apenas para arrancar as penas ou servir de criação em casa. Silenciei, eu não tinha ali o que muito falar, do amor entre os diferentes, dos pares que se formavam fora da normalidade. Eu me emocionei. Dessa maldade do homem eu me senti mesmo constrangida.

Chegamos em pedacinho de sombra e chão, bem no meio do Vão. Era casa de nativo dali que nos recebia, a cozinha era toda de barro e o telhado de palha de buriti, chão de cupinzeiro pilado e fogão de lenha, como eram todas as casas dali antes da chegada da eletricidade. Nos recebeu com toda a gentileza. Muito já se tinha caminhado até ali e por ser último dia, jogados, deitados pelo chão e pelo terreiro lá fora se encontravam os caminhantes, demasiado cansados todos, mas a conversa ainda tinha força e os risos também. Eu não resisti a dor que voltava deitei no chão e triste tive que novamente seguir no carro de apoio, com mais muitos até o topo da saída do vão.

Eu queria mesmo era de terminar o restinho do caminho andando queria chegar a Chapada Gaúcha como se deve: caminhando. Depois vi que nada se deve, que se faz mesmo tudo que se pode, dentro do que se pode, mas eu podia mais, teimei. Desci do carro de apoio, eu tinha que ter meus pés no chão para fechar o ciclo. Me juntei ao bando, segui caminhando calada pensativa que logo a travessia se encerraria. E depois?

“Mire e veja”, não era miragem de deserto, um pé de tangerina pesado delas, nativo e amigo de nosso guia de Buraquinhos nos serviu delas, deliciamos daquelas tangerinas doces, escutava som de animal, não sabia eu do que se tratava, o guia mais uma vez interveio, disse que era os porcos do mato sacudindo os buritis, cruzou nosso caminho e se sumiu no mato. Foi quando começamos a subir o Vão. A subida era dificultosa, areias afundando num corredor cavado muito alto, onde não se sentia o vento correr. Coragem! Firma esse cajado, adianta esse passo que a gente tem que atravessar é agora! Respirei fundo, as companheiras, irmãs de travessia me estenderam a mão, puxaram-me, passei a frente e assim seguimos em passo firme até a última curva do paredão.

Finquei meu olhar no firmamento, parei de frente do abismo e ali muito tempo fiquei apoiada em meu cajado, olhando o infinito, do alto do Vão dos Buracos eu tive a certeza: Sertão não tem saída.

Depois dessa parada onde o céu se encontrava no horizonte com o sertão e sua imensidão eu senti o fim do caminho, continuei adiante e quando perdi o lume das estrelas encontrando postes e iluminação elétrica da cidade, quando o chão de terra batido vermelho ou de areial fofo deram lugar ao asfalto na entrada de Chapada Gaúcha eu dei-me conta do fim do trajeto e principalmente que ele já me trazia saudade, “toda saudade é uma espécie de velhice”.

Um a um que foi chegando ao fim sentia que o real não se deu no fim da travessia, naquela chegada, mas no meio dela. Esperávamos todos chegar, íamos todos entrar feito jagunçada adentrando a cidade, com destino ao encontro dos povos que estava sendo realizado na cidade, quando se chegou o último dos caminhantes seguimos mais um pouquinho, desta vez todos juntos, não três ou quatro eram setenta, um bando, juntos todos fomos recebidos no encontro dos povos por ex caminhantes de outras edições que já nos aguardavam com zelo e cuidado era escalda pés preparado para cada um de nós, eram águas preparadas para aquele momento do servir, e esta palavra em cada momento tomou tantos signos nesta caminhadaser-vir, vir a ser, ir, ser, servir.

Dia 07

Chapada Gaúcha / Parque Grande Sertão Veredas

Não segui último trecho, ele levava a um lugar, parque sertão veredas, mas voltaríamos ao mesmo, sair de Chapada Gaúcha ao parque e voltar a Chapada, não seguiria adiante, não cortaria mais sertão. Meu ciclo, travessia já estava concluso. Acordei naquele dia com desejo de falar com os meus, ali já tinha telefone e assim chamei, falei, afastei saudades. Estava voltando.

Após última roda de conversa e fala de todos, despedidas. Os instrumentos que trouxeram alegria e alento nos dias de travessia tocaram para nós a última vez, a voz doce da professora e o pife do menino de Brasília tocou, a zambumba, a viola e o triângulo, era no chiado da chinela que estávamos todos dividindo, ouvindo naquele último momento. Firmavam compromisso de luta e de trabalho pela região muitos dali e outros de lugares vários, eu firmei amor, compromisso não. Compromisso mesmo eu sentia que precisava com meu sertão, das minhas terras conhecer para firmar com ele, o sertão de lá eu já sabia o de meu povo eu desconhecia, voltei com sertão de lá dentro de mim, mas com vontade de buscar e atravessar o meu daqui.

“Despedir dá febre”, mas era chegada a hora e assim o fiz, no abraço senti os laços das companheiras de caminho e compartilhar de barraca, dos guias foi saudade demasiada antes mesmo de estar longe, dos sertanejos foi vontade de ficar.

Agora cada um aos seus “particular” caminho.

O retorno e o sertão que ficou

“Caminha-se para se ter os sentidos despertados, a fim de contemplar o mundo e ter uma experiência de vida”, assim afirmou Labucci (2013, p. 37). O caminho do sertão cumpriu esse papel, despertou sentidos, ampliou olhar, acrescentou mais perguntas que respostas, trouxe à tona muito do desconhecido e já conhecido fez-se novo.

O cerrado e sua rica biodiversidade, possuidor de grande lençol freático é hoje espaço do agronegócio, de onde grandes empresários agrícolas fazem riquezas com o cultivo de extensas monoculturas de grãos, capim e eucalipto. E isso, os sentidos visão e olfato foram despertados literalmente na passagem por dentro de um plantio do agronegócio, logo ali bem perto de Morrinhos, grandes máquinas de enormes estruturas de irrigação, que aliás, se serve das águas do rio Urucuia. Não havia outras plantas, moradores ou trabalhadores. Havia sim, um aviso. Uma placa dizia: “feijão tratado com fungicida”. Esse feijão, que bebeu quase toda a água do Urucuia e recebeu cargas aéreas de veneno, será vendido para a população como alimento. Ali bem perto contracenando com tudo isso há experiências de assentados da Reforma Agrária, de agricultores familiares, de povos e comunidades tradicionais que, além de tirar da terra o sustento de suas famílias, utilizam a terra e a água de forma responsável e sustentável, resistem, insistem, se organizam, fazem cultura e poesia. O caminho proporcionou-me as melhores aulas de cidadania,

educação ambiental, convivência com o semiárido, agrofloresta, turismo comunitário, violência no campo, criminalização dos movimentos sociais e literatura ministradas pelos mestres sertanejos, pelas professorinhas do Sertão, mulher valente D. Geralda, pelos guias que orientavam, cuidavam, zelavam. De tudo um pouco e muito mais eles sabiam. Eu, quase professora pedagoga, aprendi. Era a educação se fazendo da maneira que eu mais admirava, sabedoria popular, e Rosa já havia me dito, “mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende”.

As veredas, a vegetação, as águas, animais do cerrado nas chapadas e nos vãos, embora desrespeitados e às vezes invisibilizados, continuam a encantar e a demonstrar sua força enraizada nas profundezas da terra e das águas. A solidariedade e a generosidade desse grande sertão estava em tudo e em todos. Os povos tradicionais cantaram e dançaram sua cultura, fiaram e teceram no girar da vida saída para subsistência e sobrevivência, aprenderam a se organizar, usar do direito de voz e não se permitem ao silenciamento passivo. Buscaram acesso à educação e a garantia de acesso a ela.

Sinto que tudo que vivi e experimentei no caminho, fez parte de uma grande colheita. “A colheita é comum, mas o capinar é sozinho”. O caminho também por vezes foi solitário, mas a colheita, acredito, que foi comum a todos que puderam viver aquela e outras edições, uma colheita de novas concepções e sentidos que contribuirão de alguma forma a vida, a profissão, aos dias de todos. Ninguém sai do sertão vazio, sai cheio dele.

CAPÍTULO II

Elos entre o caminho do sertão e a educação popular

No Caminho do Sertão a proposta de caminhar, de realizar uma travessia, oportunizou-me refletir a identidade do pedagogo fora dos muros acadêmicos e, sobretudo, sobre a minha identidade quanto educadora inserida numa experiência de caminhada, em um novo espaço de mediação de aprendizagem de interação com narrativas, formações discursivas, ideológicas, enfim, por uma linguagem em sua tessitura complexa existente na rota sócio eco-literária que contribuiu para minha formação com novos olhares e percepções dentro de minha escolha profissional.

Gros em seu livro *Caminhar, uma Filosofia*, cita pensamento de Friedrich Nietzsche ao qual me identifico, pois ilustra esta experiência do meu caminhar:

Não somos daqueles que só pensam em meio aos livros e cuja ideia aguarda os estímulos das páginas para nascer; nosso *ethos* é pensar ao ar livre, andando, pulando, subindo, dançando, de preferência nas montanhas solitárias ou a beira do mar, onde até os caminhos ficam mediativos. (apud GROS, 2010, p. 25).

Como bem explica a citação, meu estímulo para desenvolver este trabalho não nasceu dos livros, foi envolta no movimento do caminhar, da morada temporária, numa paisagem, em várias paisagens, atenta às expressões, narrativas e linguagens da realidade de mundo do sertão de Guimarães Rosa, que eu pensava, realizava por impulso ou desejo, diálogos, tramas com a educação, que serviam como ponte para ao menos sentir, intuir, fazer nascer a minha tomada de consciência quanto ao meu papel como educadora. Góis afirma que:

[...] o ser humano é incapaz de compreender a identidade (ou o si mesmo no mundo), mas é capaz de senti-la, intuí-la e viver a liberdade nela presente, principalmente na forma de movimento, expressão, dança e linguagem. (GÓIS, 2005, p. 14)

Foi exatamente assim que ocorreu doravante o movimento de caminhar, envolta a expressões, danças e linguagem advindo dos saberes populares do povo do alto sertão mineiro, dos Gerais, que perpassaram pela diversidade, multidisciplinaridade, envolvendo temáticas contemporâneas como, desenvolvimento territorial, êxodo rural, economia solidária, cultura, identidade e sustentabilidade, literatura, educação no campo e agricultura familiar trazendo amplitude ao meu olhar e diversos *déjà vu* freirianos nos possíveis links que fui podendo realizar

entre a experiência e o pensamento freiriano, percebendo a dimensão literária, teórica e prática formadora que existia em todo aquele processo.

Experienciar a imersão no caminho do sertão, fez-me sentir a educação de outra forma, num campo educativo onde a aprendizagem se constituiu pela intermediação dos saberes e fazeres entrelaçados dos guias da travessia, do povo do sertão e dos caminantes

Libâneo compreendia a Pedagogia como:

O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. De modo que não podemos reduzir a educação ao ensino e nem a Pedagogia aos métodos de ensino. Por consequência, se há uma diversidade de práticas educativas, há também várias pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação etc., além, é claro, da pedagogia escolar.” (LIBÂNEO, 2001, p. 6).

Conforme mencionado acima, o campo educativo é bastante vasto, ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades. Eu mesma pude vivenciar isto, atuando em espaços diferenciados, antes mesmo de minha graduação concluída. A educação nos espaços de economia solidária, nas organizações sociais, nos territórios de risco e vulnerabilidade social, nas associações e espaços de formação dentro de igrejas, em comunidades rurais, em escolas públicas, proporcionou-me a práxis da pedagogia em parte de sua amplitude no que se refere a modalidades, leque de espaços e dimensões sociais, mas, sem dúvida, experienciar a imersão no caminho do sertão, fez-me sair de lá inundada da Educação Popular com toda sua especificidade.

Especialmente quando se trata de Educação Popular (EP), defini-la em toda sua magnitude se torna complexo, ainda que as teorias diversas se completem ou coincidam em pontos que corroboram para esta definição, por isso, tomarei aqui por base duas definições que mais se assemelham ao vivido na experiência do dia-a-dia relatado aqui. O pensador Carlos Rodrigues Brandão define a EP, como:

Domínio de convergência de práticas sociais que tem a ver, especificamente, com a questão do conhecimento, com a possibilidade de construção do saber popular (...). É o momento em que a vivência do saber compartilhado cria a experiência do poder compartilhado. (BRANDÃO, 2009, p. 72 -74)

As práticas da educação popular conforme explicitado buscam produzir espaços autônomos, onde de forma compartilhada se dê a condução do poder, numa crescente relação entre iguais. De caráter participativo com a prática de reflexão coletiva dos próprios sujeitos com relações sendo desenvolvidas numa realidade de solidariedade entre os atores com vistas a superação da exclusão e silenciamento de seus saberes e práticas, e com estes construindo e transformando conhecimento.

Notadamente no que se refere a observação da EP no caminho do sertão, a convergência citada pelo autor se cumpre tanto quando do encontro que anima a escuta, o diálogo, a troca e ações afirmativas entre o povo da região sertaneja e os caminhantes, ora visitantes imersos na rota sócio-eco-literária, como também, nas atuações que encontramos ativas deste mesmo povo já organizados. Grupo de lideranças regionais que recorrem a realização de parcerias e busca de direitos junto aos órgãos dos setores público, produtivo e do terceiro setor a exemplo do Ministério da Integração, SEBRAE e a Fundação Banco do Brasil, promovendo um esforço de cooperação intermunicipal, de movimento e organização social, que buscam articular, ainda, parcerias institucionais e não institucionais para consolidar e fazer prosperar as ações em defesa da agricultura familiar, da agroecologia, da reforma agrária, das comunidades tradicionais e pela sustentabilidade no território, onde nesse processo se mantém também o turismo Ecocultural de Base Comunitária que impulsiona a autonomia produtiva, a noção de pertencimento ao território e a autoestima da população sertaneja, valorando a identidade e realidade de mundo destes.

O “CAMINHO DO SERTÃO - De Sagarana ao Grande Sertão: Veredas” é um dos principais resultados provenientes desse trabalho de desenvolvimento territorial que também colabora e oportuniza o fortalecimento e a disseminação da cultura regional. É a vivência do saber construído por todos, criando a experiência do poder compartilhado, como afirma o autor citado acima.

Partindo de uma leitura de caráter mais filosófico para compreensão da EP, Melo Neto (2004), discorre:

[...] um conjunto de elementos teóricos que fundamentam ações educativas, relacionadas entre si e ordenadas segundo princípios e experiências que, por sua vez, formam um todo ou uma unidade. Mesmo expressando uma unidade, é um sistema aberto que relaciona ambiente de aprendizagem e sociedade, a educação e o popular e vice-versa. Um sistema aberto de trabalho educacional detentor de uma filosofia que, por sua vez, pressupõe as seguintes dimensões: uma teoria do conhecimento, metodologias dessa produção de conhecimento, conteúdos e técnicas de avaliação, sendo sustentada por uma base política. (MELO NETO, 2004, p. 126).

A definição ora citada muito se assemelha ao ocorrido dentro das rodas de conversa e dos momentos de debate proporcionados pelo caminho do sertão, onde esteve intrínseco uma educação não sistematizada, aberta, pensada para e com o povo, e com ela construída. O ambiente de aprendizagem sendo este literalmente fora dos muros e relacionando-se com a sociedade, tiveram relação enriquecida por este contexto, onde a educação e o popular e vice-versa como sugere o autor, estavam embricados promovendo a autonomia dos atores sociais ali presentes neste processo de construção e produção do conhecimento, a partir de suas experiências e descobertas, ainda que

houvesse uma mediação e troca com a teoria cobrada e relevante as ações educativas ali imbuídas, sendo amparado por fundamento, antes de tudo, político. A educação ali pautada, era uma experiência onde estávamos “permeados por uma base política estimuladora de transformações sociais [...] por anseios humanos de liberdade, justiça e igualdade” (MELO NETO 2004, p. 126).

Tais momentos e a busca de compreensão do pensamento do autor Melo Neto, também trouxeram-me reminiscências dos Círculos de Cultura definida por seu criador Paulo Freire (1980), como “Instituição Básica de Educação e Cultura Popular” que teve sua aplicabilidade e ênfase em “Projeto de Educação de Adultos” coordenado por Freire no movimento de cultura popular do Recife. O autor nos esclarece sobre da seguinte forma:

[...] instituíramos debates de grupo, ora em busca do aclaramento de situações, ora em busca de ação mesma, decorrente do aclaramento das situações. A programação desses debates nos era oferecida pelos próprios grupos, através de entrevistas que mantínhamos com eles e de que resultava a enumeração de problemas que gostariam de debater. “Nacionalismo”, “Remessa de Lucros para o estrangeiro”, “Evolução política do Brasil”, “Desenvolvimento”, “Analfabetismo”, “Voto do Analfabeto”, “Democracia”, eram entre outros, temas que se repetiam, de grupo a grupo. (FREIRE, 1980, p. 103. Aspas do original)

Com a citação acima, fia-se o ponto de relação e semelhança entre o círculo de cultura realizado pelo autor, com a realização dos debates, rodas de conversa aos finais dos dias de caminhada em torno da fogueira que nos aquecia que contava com a participação e intervenção de lideranças e envolvidos nos movimentos de base da região, além de caminhantes e guias locais que inconscientemente seguiam roteiro à luz da pedagogia freireana para o aclaramento das situações e busca de ações decorrentes do aclaramento das situações, a exemplo de discussões realizadas de cunho político e ambiental sobre O Vale do Rio Urucuia e o Vale do Rio Carinhanha que estão situados no noroeste e norte de Minas Gerais, respectivamente, e compõem trajeto da caminhada realizada. Esses espaços são caracterizados pela presença de áreas de fronteira agrícola do bioma cerrado, por assentamentos de reforma agrária, agricultores familiares tradicionais e de subsistência, posseiros e pela agropecuária empresarial. Proporciona assim, com este cenário, temáticas sempre a serem problematizadas nos variados espaços de resistência e luta da região hoje atingida por grave crise hídrica causada pelo secamento de veredas e assoreamento de cursos d’água, sendo a desertificação uma ameaça.

O contexto desses momentos estabeleceu ali, íntima relação com a Educação Popular que perpassou a magia dos saberes populares tradicionais, aqueles passados de geração a geração advindo de ancestralidades, identidade e de suas raízes a exemplo de artesanato, danças, rezos, músicas, ervas e chás, espiritualidade, para um saber popular produzido pelas lutas populares,

visto que um não necessariamente dissocia-se do outro, porém se transforma, quando se conecta a um sentido mais amplo. Brandão (2009) nos esclarece sobre este aspecto:

Retomando os símbolos e os significados de suas próprias raízes, contidos na arte popular, nos saberes populares, nas diferentes tradições populares em todas as suas dimensões e nos costumes patrimoniais, e repensando-os a partir da associação entre a sua experiência de vida e a associação com os agentes e os recursos do movimento de cultura popular, as pessoas do povo e os grupos populares podem realizar o trabalho pedagógico de sua própria tomada de consciência. O trabalho de uma transformação “de dentro para fora” de seus valores, de seus modos de pensar o mundo, a vida e o destino, de suas crenças (inclusive ou principalmente religiosas) e seus costumes. (BRANDÃO, 2009, p.71)

De acordo com pensamento do autor citado, quando essa gente do sertão e claro de outros espaços populares e educativos, toma consciência que o doce de buriti, a cobertura de algodão fiada pelas mulheres sertanejas, o baru colhido na região, a cesta feita da palha do buriti artesanalmente, as danças de folia de reis, a agricultura familiar são originalmente seus saberes mas, podem ser ferramentas de luta e resistência, o saber popular deixa de ser reconhecido apenas como um conhecimento construído por eles e que marcam sua regionalidade, mas também conhecimento que forjado na criticidade os liberta da invisibilidade, do silêncio, da marginalização e da exclusão impostos aos saberes e fazeres populares, ultrapassando os limites impostos pela cultura hegemônica promovendo e fortalecendo o direito à alteridade e à identidade.

Assim também, quando trabalhadores, grupos de pequenos produtores rurais, mulheres fiandeiras e artesãs, senhoras do lar que comercializam seus doces sendo ali, ou em qualquer outro território e comunidade se organizam, buscam se associarem para comercialização em conjunto, para etapas de produção, a exemplo de compra de matéria prima ou colheita, transporte de mercadorias, realização do comércio de seus produtos, estão fortalecendo a economia local, efetivam um empreendimento coletivo, desenvolvem renda para sobrevivência, fazem frente as dinâmicas e estratégias da economia de mercado, se libertam, se emancipam. Não basta estar consciente, é preciso organizar-se para poder transformar e para isso os princípios da educação popular inserida nesta realidade foram balizadores, assim como as categorias freireanas que permeiam tal educação e por consequência a experiência do caminho realizado.

Tecendo os fios do caminho do sertão com as categorias freireanas

Destacaram-se na experiência de imersão no Caminho do Sertão, algumas dimensões, essencialmente freirianas, a primeira delas é a dialogicidade, sem a qual não fluiria o diálogo que permeou todos os nossos momentos de interação com toda a gama de gente, povo, envolvido no caminho, sendo estes, ativistas, militantes e profissionais ligados a organizações do Vale do Rio

Urucuia, ao Circuito Turístico Urucuia Grande Sertão e outras entidades, instituições e movimentos atinentes às questões territoriais, socioambientais, identitárias, da economia solidária, da luta pela terra, da agroecologia e das tecnologias sociais, leitores eventuais ou assíduos, pesquisadores, estudiosos e divulgadores da obra de Guimarães Rosa, ativistas culturais e socioambientais, músicos, artistas populares, escritores e poetas, moradores das vilas, povoados, comunidades percorridas pelo caminho e da cidade de Chapada Gaúcha, proporcionando assim os mais diferentes níveis de reflexão. Sobre esta categoria, Freire (1987), afirma:

O diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem... Através do diálogo, refletindo junto sobre o que sabemos e o que não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade... O diálogo sela o relacionamento entre os sujeitos cognitivos, podemos a seguir atuar criticamente para transformar a realidade. (FREIRE, 1987, p.123).

O que ocorreu na nossa realidade nos remete ao que Freire propõe acima: encontramos-nos em meio a espaços diversos, nossas rodas de conversas (nossos círculos de cultura) ocorreram à margem do rio, estrada, carro de boi, quintal dos sertanejos, assentamentos, associações, igreja, eventos culturais, casas onde pousamos. Dialogamos, nos comunicamos intensamente durante todo trajeto realizado, criticamente pensamos nossa realidade e buscamos ressignificá-las. Confrontando com o vivenciado na realidade de mundo dos outros ali conosco, havia uma reflexão coletiva, sobre o que sabíamos e o que não sabíamos, onde caminhantes e os demais envolvidos, em suas falas e intervenções estavam realizando intercessões entre seu saber popular, científico e a criticidade. O conhecimento ali não permanecia passivo. Transformações ideológicas e com proposituras de ação transformadora se tecia. Como dizia Rosa (1994), em sua narrativa em *Grande Sertão: Veredas*, havia ali, “uma transformação pesável”.

Substancialmente esse projeto trouxe também a dimensão de criticidade que possibilitou a inserção crítica na realidade e a apreensão de suas contradições, tendo o conhecimento sido construído com caráter criativo, crítico e emancipador. O confronto com sua realidade de maneira assim, crítica, desvela ao sujeito como nos diz Freire (1980), a possibilidade de:

[...] não apenas estar no mundo mas, com ele. [...] travar relações permanentes com este mundo, de que decorre pelos atos de criação e recriação, o acrescentamento que ele faz no mundo natural que não fez representado na realidade cultural. E de que, nestas relações com a realidade e na realidade trava o homem uma relação específica – de sujeito para objeto – de que resulta o conhecimento, que expressa pela linguagem. (FREIRE, 1980, p.104-105).

Segundo Freire (1980), esta relação é feita pelo homem independentemente dele ser alfabetizado, basta a ele ser homem para realizá-la, basta ser homem para captar os dados da realidade, para ser capaz de saber ainda que este saber seja meramente opinativo. Assim sendo, não há uma ignorância absoluta, nem sabedoria absoluta; “Ninguém ignora tudo, ninguém tudo sabe”, afirma Freire (1980, p. 105).

Neste processo para uma tomada de consciência, a problematização e a decodificação em toda sua amplitude, requer uma fragmentação, uma reorganização dos saberes e práticas em uma nova interação, construindo novo conhecimento, o que configura a transformação da realidade. Um processo dialético de aproximação da realidade, para desvelar sua organização e as contradições, implicam na totalidade da conscientização. Sobre este transcurso para a efetivação da conscientização Freire (1981) afirma:

A conscientização não pode parar na etapa do desvelamento da realidade. A sua autenticidade se dá quando a prática de desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação. (FREIRE, 1981, p. 117).

Para Freire não há conscientização sem desvelamento da realidade objetiva e quando do estabelecimento do conhecimento se faz necessária a conscientização não se estaciona na etapa do desvelamento da realidade. Na medida em que há a conscientização do sujeito, ocorre a transformação. Essa transformação que ocorre dentro dele, ideologicamente, se concretiza pelas suas ações no mundo. Há um dinamismo, uma dialética entre as ideias transformadas com a prática a ser executada.

Há sem dúvida um trabalho de condução para a conscientização pelo viés da criticidade mediada pela educação popular implementada no projeto do caminho do sertão. Vai se estabelecendo elos com esta, ainda que não claramente seja este o objetivo da rota socio-ecoliterária, contribuindo assim para que os agentes envolvidos neste processo, onde a compreensão crítica desta realidade, meio onde estão todos imersos, cedo ou tarde os proporcione a atitude, a ação, um impulso para a não acomodação, sobre isto Freire (1980, p. 106) discorre “A natureza da ação corresponde a natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação.”

A essas dimensões de criticidade, dialogicidade, participação e conscientização acrescenta-se a vertente da politicidade que se fez presente o tempo todo na medida em que estas categorias se entrelaçavam, sobre essa dimensão política na educação, e sobretudo no vivenciado nesta experiência de imersão realizado por mim, Freire (1996) nos fala:

É na diretividade da educação, esta vocação que ela tem, como ação especificamente humana, de endereçar-se até sonhos, ideais, utopias e objetivos,

que se acha o que venho chamando politicidade da educação. A qualidade de ser política, inerente a sua natureza. É impossível, na verdade, a neutralidade da educação (FREIRE, 1996, p.124).

Para o autor, a educação quando direcionada com sentido, fomenta a construção de processos formativos promotores do ser humano em todas as suas dimensões, provocando assim superação de limites que impedem o sujeito de sua plena conquista de direitos, imbuí esse fazer pedagógico de uma essência política. Esta categoria de politicidade na educação está também inserida na abordagem da educação popular em direitos humanos, que assim nos fala o autor Melo Neto, sobre:

A base política desse tipo de educação para os direitos humanos adquire significado enquanto promotora da superação do silêncio das maiorias da preparação intelectual dos trabalhadores, da construção moral dessa classe, para o preparo das maiorias para a capacitação de direção política, da resistência a uma ética do toma-lá-dá-cá, enfim, da visão pedagógica de que todos aprendem conjuntamente com a clareza do risco existente do processo criativo e na existência humana de se atuar para as mudanças. (MELO, 2008, p. 434).

Nesta prática é no cotidiano em meio as reivindicações populares pela qualificação para o trabalho, pelo acesso e garantia a educação, em meio a participação política nos grupos sociais e partidos políticos, entre outros que se constituem elementos educativos que se concretizam como componentes dos direitos humanos, as práticas, os conteúdos dessas reivindicações tornam-se fundamento para o exercício da educação popular em direitos humanos, não menos importante uma prática neste campo é também voltada para a formação de uma cultura de respeito a dignidade humana, formar para esta cultura sobretudo é criar, influenciar, consolidar atitudes, hábitos e comportamentos que se atenham a conscientização e promoção dos valores da liberdade, justiça, igualdade de direitos, equidade, princípios da solidariedade e tolerância, os quais assim valorados se tornem, transformem-se em prática. Nesse sentido, resume-se que os direitos humanos sendo parte do processo educativo das pessoas, lhes possibilita autonomia e conscientização para defender seus direitos e para isso há a necessidade de conhecê-los e compreender como reivindicá-los. Educação popular para os direitos humanos compreende também, promover e conscientizar quanto o respeito e valorização à diversidade cultural, territorial, de gênero, religiosa, étnico-racial, de classes, entre outros.

Por fim, foi possível observar e refletir neste processo a presença na experiência do caminho, em toda sua amplitude, categorias freireanas que são parte dos princípios da Educação Popular de conscientização, autonomia, criticidade, identidade, politicidade, dialogicidade, entre outras que a partir delas há a possibilidade de homens e mulheres efetivarem ações contundentes na intenção da superação de atitudes contrárias à dignidade humana.

A promoção do direito a literatura no caminho do sertão

Em todo percurso e vivência do projeto Caminho do Sertão, vários direitos foram evidenciados e trabalhados de forma participativa e ativa por todos os envolvidos, provocando reflexões e demandas efetivas para luta por estes. As discussões realizadas, os debates e problemáticas levantadas foram dirigidas e incitadas pela literatura da obra Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa, o sertão percorrido foi norteado pelas narrativas dos personagens da obra onde foi possível um diálogo entre a realidade ali exposta e a ficção, fabulação de Guimarães Rosa. Contudo, era perceptível que entre os caminhantes possuidores do saber e conhecimento científico estavam os maiores conhecedores da obra Roseana, grande maioria teve acesso à obra durante seu processo educacional no ensino médio, ainda que não tivessem a lido, mas foi oportunizado conhecimento da literatura roseana, assim como de outros autores como Machado de Assis, Euclides da Cunha, entre outros. O que me fez questionar-me sobre o conhecimento da literatura pelos nativos, sertanejos e sobretudo pelos menos favorecidos e aqueles que certamente não tiveram acesso à escola.

Os primeiros diálogos que teci sobre este meu questionamento, foi com os próprios caminhantes, dentre estes como já explicitiei, estavam em maior número aqueles que usufruíram via, direito a educação do conhecimento da literatura e acesso às obras literárias. Os organizadores e propositores do Caminho do Sertão também se encaixam neste perfil, porém aqueles que fazem parte do cenário diário do sertão Roseano, pouco sabem a respeito de literatura, e o que sabem a respeito e da Obra Grande Sertão Veredas foi conhecimento adquirido em razão das edições realizadas deste projeto e outros que já acontecem na região, mas não precisamente por acesso a esta literatura nas escolas públicas da região que cumprem o papel de alfabetizar e letrar, porém tem o feito de maneira bancária e decodificada como tanto alertou Freire, para a essa práxis, sem teor humanista ou dialógica.

Para refletir e relatar sobre as nuances de promoção do direito a literatura que pude observar na experiência do caminho do Sertão, irei inicialmente definir Literatura pelas palavras de Candido (2004):

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2004, p. 174).

Diante disto, se todas as feitura poéticas, ficcionais, dramáticas, produzidas em todos os níveis da sociedade e em todos os tipos de cultura, se os escritos mais complexos aos mais

folclóricos, da nossa contemporaneidade aos advindos de tempos primitivos e de outras civilizações, é considerado segundo afirmação do autor literatura, podemos afirmar deste modo, que a literatura é evidencialmente uma manifestação universal e sendo assim, de direito de todos.

Em nossa sociedade, especificamente a brasileira, há acesso e gozo de direitos segundo as classes, onde o sujeito da classe trabalhadora e do povo tem privação na maioria das vezes das obras consideradas eruditas, restam a estes as obras de literatura de massa, as de sabedoria popular produzidas com vistas de identificação e semelhança com os que tem acesso a estas, a literatura de cordel, o repente, a poesia popular, são do povo, feita pelo povo e para o povo, também agregam valores e por vezes são instrumentos de mensagem de luta e ressignificação. Sobre estas literaturas, mais modestas, porém não menos nobres, nos fala Cândido (2004):

Isso não quer dizer que só serve a obra perfeita. A obra de menor qualidade também atua, e em geral um movimento literário é constituído por textos de qualidade alta e textos de qualidade modesta, formando no conjunto uma massa de significação que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos. (CÂNDIDO, 2004, p. 182).

Diante de uma sociedade, onde nosso sistema político favorece uns, em detrimento de outros, onde sua organização sobreposta de classes não garante uma distribuição equitativa de bens ou de renda, os produtos literários tendem a não circular e serem acessíveis aos desprivilegiados deste sistema, sendo assim em função da estrutura e da organização de nossa sociedade as literaturas consideradas eruditas tendem a não chegar as mãos destes, e assim o direito a igualdade e equidade negligenciado os desfavorece. Sobre isso, Cândido (2004, p. 187) resume, “numa sociedade estratificada deste tipo a fruição da literatura se estratifica de maneira abrupta e alienante”, e neste caso, o obstáculo não é falta de capacidade a leitura e compreensão a estes tipos de produção literária, mas de oportunidade, onde, oferecer a esse povo apenas um pequeno recorte de toda gama que temos na literatura é como nos diz, Cândido (2004), mutilar nossa humanidade.

No intuito de amenizar as discrepâncias de nossa sociedade e ainda de democratizar alguns direitos negados, as iniciativas privadas ou de voluntariado tem atuado em várias realidades, sobretudo na região do sertão mineiro, roseano, no que se refere ao acesso à literatura, as associações, grupos organizados e ativistas da educação e ambientalistas ali atuantes, incentivam o gosto pela leitura e principalmente o conhecimento do legado Roseano e da biografia do autor Guimarães Rosa. Atuam juntamente aos moradores da região, dentre estes, crianças, adolescentes, jovens e adultos, da área urbana e rural, que nestes, se inserem os guias do projeto e também as famílias que foram responsáveis por nos acolher em caminhada. Despertam o gosto pela literatura num geral, contudo mais especificamente o que tem sido valorado na região por estes menos favorecidos, tem sido a obra de Guimarães Rosa, que os fazem sentir-se retratados e referendados.

Vale ressaltar que este trabalho desenvolvido na região tem sua intencionalidade no protagonismo e autonomia das pessoas, grupos e classes sociais. A realização se dar por meio de projetos e propostas pedagógicas incitadas pela literatura e educação popular, procurando que refletir o regionalismo local, paisagens, formas de linguagem e narrativas que dialogam com a realidade de mundo e o cotidiano dos envolvidos, faz assim, um resgate e valorização de identidade, provocando auto-estima nos mesmos, Llosa (1985), reflete sobre este papel mediado pela literatura:

A literatura não pode existir se não para incitar e agitar, conservar os homens em constante insatisfação de si mesmos, causar inquietação e alarmar, estimulando assim a busca pela mudança e vontade de melhorar. (LLOSA, 1985, p.136)

O exercício da leitura literária, neste caso, é uma forma de conscientização, que em alguns autores ocorre de maneira subjetiva, há um caráter humanista de respeito as diferenças, respeito a natureza, respeito aos saberes tradicionais da região e de acesso a democratização, abrange um sentido de formar seres mais críticos, com acesso a uma leitura que possibilita o confronto com o meio, com a cultura, mas possuidora em seu âmago de sensibilidade, sem dissociar-se da razão, faz compreensão da realidade por meio da ficção ou em outras linguagens que os aproxima da compreensão de seu cotidiano. Cosson (2006) nos esclarece sobre o letramento literário:

O letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura [...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas. (COSSON, 2006, p. 17).

Desta forma que a obra de Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas, cumpriu seu papel de “fabulação” (Candido, 2004). Provocou durante a experiência da caminhada com sua linguagem carregada de regionalismo e seu cenário descrito, que aqui relatei no primeiro capítulo, o confronto com a realidade, com a cultura, com o meio ali vivenciado, trouxe criticidade aos caminhantes e oportunizou o direito a literatura aos envolvidos no projeto. Sobre estes pontos vivenciados na proposta do caminho do Sertão o Edital de Seleção do ano de 2016, 3ª edição, descreve três objetivos específicos, que sem dúvida, foram atingidos proporcionando a garantia do direito humano a literatura dentro do projeto, sendo estes: Promover a difusão da obra do escritor mineiro João Guimarães Rosa; Promover a interação e o intercâmbio entre os participantes e destes com o universo roseano; Estimular atividades literárias e culturais nas vilas, povoados e comunidades percorridas pelo caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência procurou de forma descritiva, através de diário de bordo, do dia-dia de participação no projeto O Caminho do Sertão: De Sagarana ao Grande Sertão Veredas e suas conexões com a literatura Roseana e com teóricos que puderam contribuir com seus pensamentos e ideologicamente para fundamentar o que buscamos no decorrer deste trabalho: explicitar dois aspectos que se constituirão nesta imersão, o projeto como uma experiência de Educação Popular e de promoção do Direito Humano a literatura.

Destaca-se aqui que a ênfase deste trabalho se consistiu num recorte, uma contribuição desta experiência para a observação e reflexão acerca dos dois pontos em observância e análise neste processo que se mostrou experiência de educação popular sendo realizada numa caminhada pelo alto sertão mineiro e promovendo o direito a literatura aos caminhantes participantes desta 3ª edição, assim como aos demais envolvidos na organização.

É possível finalizar essa tessitura considerando que a experiência de imersão no Caminho do Sertão: De Sagarana ao Grande Sertão Veredas, tem em sua essência uma experiência de educação popular que se realizou em todos os dias de caminhada e promoveu o direito humano a literatura, onde a obra Grande Sertão Veredas (ROSA,1996) foi inserida no cotidiano dos participantes, assim como naqueles que foram personagens de encontros e acolhida em todo percurso de 180 km.

Na produção deste relato foi possível a reflexão da atuação do educador popular, assim como da importância deste para, especificamente neste projeto atuar sob as minorias e outros demais perfis, num espaço não formal, porém espaço pedagógico do exercício de cidadania, oportunizando pelo viés da literatura o debate e confronto com a realidade de mundo dos mesmos, os impactando assim como, aos caminhantes em algum aspecto de sua vida.

O presente trabalho proporcionou-me a reflexão a respeito da cidadania e esta, como algo que se constrói permanentemente através de práticas democráticas cotidianas, que no espaço da escola ou espaços não formais de educação como no caso desta experiência, o papel do educador é de profunda relevância para tomada de consciência, levando os envolvidos nesta troca dialógica a refletir criticamente sobre seu ambiente de vida, buscando consolidar uma cultura de cidadania cotidianamente. A vida é essencialmente uma aprendizagem. (THEOBALD 1972 apud GUTIERREZ, 2013).

A contribuição desta experiência como prática de aprendizagem realizada e imersa como aprendiz muito mais, quanto pesquisadora, me trouxe uma abordagem hoje contemporânea sobre cidadania que se apresenta na ecopedagogia, a Cidadania Planetária, onde Gadotti citado por Gutierrez (2013) apresenta definição sob sua ótica:

A noção de cidadania planetária (mundial) sustenta-se na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela se manifesta em diferentes expressões: “Nossa humanidade comum”, “unidade na diversidade”, “nosso futuro comum”, “nossa pátria comum”. Cidadania Planetária é uma expressão que abarca um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos e demonstra uma nova percepção da terra como uma única comunidade. Frequentemente associada ao “desenvolvimento sustentável”, ela é muito mais ampla do que essa relação com a economia. Trata-se de um ponto de referência ético indissociável da civilização planetária e da ecologia. A terra é “Gaia”, um superorganismo vivo e em evolução, o que for feito a ele repercutirá em todos os seus filhos. A cidadania planetária supõe o reconhecimento e a prática da planetaridade, isto é, tratar o planeta como um ser vivo inteligente. (GADOTTI apud GUTIERREZ, 2013, p 24.)

Todas as temáticas existentes no percurso e ainda nas leituras pós experiência, realizadas para a tessitura deste trabalho corrobora com a definição de cidadania planetária citada acima, traz-me a conclusão que a mediação realizada pela educação popular no Caminho do Sertão, e o acesso a uma literatura que em suas narrativas subjetivamente apresenta todo um contexto geográfico e de valorização da terra em sua magnitude, contracenando com, narrativas das personagens que possibilitaram as variáveis dentro das categorias freireanas, sendo dentre elas a cidadania, politicidade, conscientização, humanização, dialogicidade, criticidade e participação onde há a possibilidade de reflexões de valores e princípios lá evidenciados e ainda com esta preocupação de unidade na diversidade, “nosso futuro comum”, “nossa pátria comum”, onde intrinsecamente estávamos percebendo a terra como uma única comunidade, ligada diretamente ao desenvolvimento sustentável daquela região e sobretudo da terra com um todo quando das discussões em defesa do meio ambiente e conscientização da repercussão de sua situação na atualidade.

Vale ressaltar que a cidadania planetária aqui mencionada foi experimentada no Caminho do Sertão e não se limitava a uma discussão do desenvolvimento sustentável de cunho ambientalista e ecológico apenas, mas sobretudo com uma intercessão com valores humanistas, que tanto quanto a natureza deve ser preservado e por vezes despertado. A ideologia do desenvolvimento sustentável segundo Gutierrez (2013), é uma linha de pensamento que pode ser instrumento de conscientização e intervenção para além das questões socios-ambientais, como o

próprio nome sugere, para questões sociais balizadas nos princípios ecológicos. E sobre isso o autor nos esclarece:

A viabilidade do desenvolvimento sustentável só é possível e factível dentro de um profundo respeito a diferentes etnias e culturas. Cada cultura e cada povo deveria buscar seu próprio confronto para resolver um desenvolvimento ecologicamente sustentável. Esses instrumentos de intervenção tornarão possível endireitar o caminho e talvez abrir novos caminhos. Tal e como nos assinala o novo paradigma científico, a ecologia é uma ciência das relações entre todos os seres do universo; nesse sentido, o ser humano é um a mais desses elementos geradores dessas relações. Uma proposta ecológica baseada nas relações, interconexões e auto-organização dos diferentes ecossistemas tem que superar, como um dos requisitos iniciais, a “visão ambientalista”, por ser reducionista, anti-harmônica e “conservacionista”. (GUTIÉRREZ, 2013, p. 36).

O autor sugere assim um novo caminho, uma nova proposta, uma nova categoria interpretativa e de novos valores como meio de intervenção para a conquista de uma sociedade sustentável, para além da sustentabilidade ambiental que se refere a natureza mas num ambiente como um todo, nas relações, e para isso a uma necessidade de se buscar um perfil assinalado pela dimensão coletiva que é princípio na cidadania planetária, as relações balizadas numa dimensão coletiva passa a criar e recriar relações do indivíduo com os grupos, coletividades, instituições, governos locais e demais organizações sociais sustentada essas relações pela proposta ecológica nas relações, sobre a relação significativa do sujeito coletivo que se predispõe a este novo agir Gutiérrez (2013), destaca relações que leve-nos a integrar a vida um com os outros por meio da solidariedade e do trabalho participativo e do desenvolvimento dos recursos não convencionais exigidos para conquistar a “autodependência”. Sobre os recursos não convencionais necessários a estas relações para a conquistar a autodependência, ele define:

[...] recursos não convencionais são “aqueles que quanto mais se usam, mais se desenvolvem, e que longe de desgastar-se, eles se multiplicam. São permanentes e tem a ver diretamente com o processo educativo e com a tomada de consciência. Estes recursos se opõem aos convencionais ou externos que são aqueles que, ao serem usados gastam-se e, em consequência, necessitam de uma permanente reposição. Estes recursos não convencionais são importantes não apenas para sobrevivência de micro-organizações, mas também para a constituição e desenvolvimento de movimentos sociais.” (GUTIÉRREZ, 2013, p.46).

Sobre estas relações e sua totalidade pode-se afirmar que pela vivência realizada do Caminho do Sertão elas foram estabelecidas e os recursos não convencionais foram multiplicados no processo educativo de educação popular ao qual estávamos imersos, causando tomada de consciência e nos colocando dentro de um movimento social e sobretudo de caminhar, caminhar em busca de direitos, caminhar com a literatura em busca de direitos e pelo direito a ela aos que não os tem, caminhar com sentido, caminhar com vontade de saber.

O meu trabalho como pesquisadora neste contexto não foi um trabalho direcionado e ele foi “possível somente, a partir da suspensão paradoxal da nossa (da minha) vontade de saber, em favor da abertura de todo nosso (do meu corpo) (feito das águas das emoções, dos fogos da intuição, das terras, sensações e dos ventos da razão), à língua, a atividade e aos conhecimentos do outro, isso é nossa (minha) inteligência, diferente dos nossos saberes (MACHADO apud GAUTHIER, 1998. Grifos da autora).

Finalizo com citação de Gauthier (1998) que resume bem a produção deste trabalho de forma que minhas palavras não conseguem expressar, mas ele, traz por meio de suas palavras a compreensão do que sinto, onde na academia, um espaço “democrático”, SER-tão, sentir, ainda é por vezes visto como desqualificado em tessituras científicas:

O recalçamento da emoção na aprendizagem dos objetos epistêmicos é um efeito diretamente político. A democracia e a troca das emoções na relação pedagógica permitem o surgimento de saberes abafados mas latentes, de um pensamento da autonomia, e permitem o desabrochar da espiritualidade, também fortemente recalcada na escola instituída.(GAUTHIER, 1998, p.198).

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues **Cultura rebelde**: escritos sobre a educação popular ontem e agora / Carlos Rodrigues Brandão e Raiane Assumpção. – São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. (Educação popular).

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. in: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades /Ouro sobre Azul, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

EDITAL CAMINHO DO SERTÃO. **De Sagarana ao Grande** : Veredas Pelo Cerrado e sua Cultura de pé! 2006. Disponível em: <http://caminhodosertao.com.br/site/wp-content/uploads/2016/03/Edital-2016-O-Caminho-do-Sert%C3%A3o.pdf>. Acesso em 18 de junho de 2018.

FREIRE, Paulo. Algumas notas sobre conscientização. In: **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

_____. **Conscientização**: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GAUTHIER, Jacques. Carta aos caçadores de saberes populares. In: COSTA, Marisa Vorraber. et al. **Educação Popular Hoje**. Variações sobre o tema. São Paulo: Editora Loyolas, 1998.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. Arte – identidade. **Revista Eletrônica Pensamento Biocêntrico**. Pelotas, julho/dezembro, 2005. Disponível em: http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/edicoes/pensamento_biocentrico_04.pdf. Acesso em 18 de junho de 2018.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. Tradução: Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. São Paulo: Cortez, 2013.

LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2001.

NETO, José Francisco de Melo. **Educação popular**: enunciados teóricos v. 2. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2008.

_____. Educação popular em direitos humanos. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. et al. – **Educação em direitos humanos**: fundamentos teórico - metodológicos. João Pessoa: Editora Universitária, 2008.

_____. Dialética – uma visão marxista. In: NETO, José Francisco de; CARNEIRO, Geraldo Marques; CESARINO, Heleno (orgs). **Dialética**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2002.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. **Sagarana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.